



# Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume II, edição XI

Março de 2011

## Nesta edição:

Louis-Claude de Saint-Martin - Extratos de Seus Manuscritos	1
O Martinismo Russo do Século XVIII até Nossos Dias	7
O Defeito da Acídia na Análise de São Tomás de Aquino	16
O Mito de Perseu e Medusa	23

## Louis-Claude de Saint-Martin - Extratos de Seus Manuscritos

Não podemos obter um lugar num teatro, a menos que tenhamos tomado a precaução de garantir um bilhete de entrada, que só é emitido com a autorização de um administrador. Além do mais, a menos que reservemos um lugar à frente, corremos o risco de ficarmos oprimidos na multidão que se aglomera na entrada, aguardando a abertura da bilheteria; há ainda a possibilidade de nem mesmo conseguirmos um lugar afinal. Esta simbologia, embora temporal e terrestre, nos ilustra que estamos aqui com o propósito de adquirir um título de admissão para os festivais divinos. Se negligenciarmos as precauções para garantir este título, seguramente não entraremos nesta reunião de encanto e alegria. Não devemos desprezar, até o último momento, a necessária prudência, tendo atenção para as inconveniências que tal encanto possa nos expor; tais precauções são muito simples, pois bilheterias são encontradas em qualquer



lugar. Por isso, somos indesculpáveis se não nos provirmos adequadamente. Este título de admissão tal como aquele do teatro é intransferível, pois nosso nome está escrito nele; e quanto a isso, não pode haver dúvida, já que os nomes serão chamados. Devemos portanto, estar vigilantes contra os impostores, que oferecem bilhetes falsificados, portadores de nenhum título, por mais que a frequência de sua venda atenda à sua procura.

Nosso Venerável Mestre Louis-Claude de Saint-Martin nasceu em Amboise, província de Lorraine, na França; em 18 de Janeiro de 1743. Foi uma frágil e sensível crian-

ça que desde cedo manifestou agudo intelecto, elevado idealismo e devoto sentimento, que na maturidade encontrou completa expressão, como um grande místico Cristão e Iluminado. Filho de nobres e devotos pais, perdeu sua mãe poucos dias após seu nascimento; contudo, esta perda foi substituída completamente por

uma madrasta que nutriu as nobres ambições e a alta sensibilidade que ele possuía, mesmo com tão tenra idade. Mais tarde, ele mesmo se expressaria eternamente grato pela sua amorosa orientação e sensata educação, a qual, segundo ele, o levou a amar a Deus e ao homem.

Destinado por seus pais à magistratura, Saint-Martin foi para a escola de direito após deixar o colégio de Pontlevoy onde havia sido enviado ainda com pouca idade. Na verdade, foi neste colégio que teve seu primeiro vislumbre dos princípios místicos; lá encontrou um livro de autoria de Abbadie titulado: "A Arte de Conhecer a Si mesmo", o qual leu com deleite e pareceu tê-lo compreendido mesmo sendo tão jovem. Posteriormente atribuiu seus interesses místicos e esotéricos à leitura deste livro.

Dirigindo-se ao estudo da lei, teve preferência, especialmente, pelos escritos de Burlamaqui, harmoniosos como seu próprio gosto pelos fundamentos naturais da justiça e razão humana. Todavia, encontrou o sistema de Regras Administrativas e termos técnicos da lei, repugnantes. Completado seu curso, recebeu sua toga de Rei dos Advogados da Alta Corte de Tours, e começou a praticar a lei. Seus interesses filosóficos e esotéricos assim como suas aspirações interiores, contudo, elevaram-se acima de qualquer coisa, não permitindo-lhe uma completa dedicação ao trabalho, inadequado aos seus talentos singulares. Eventualmente, sentia que seu dever seria o de se dedicar integralmente ao trabalho de magistrado e portanto, implorou a permissão de seus pais para retirar-se.

Fez parte de uma comissão nas forças armadas como oficial ligado ao Regimento de Faix, aquartelado em Bourdeaux. Tinha então 22 anos. Evidentemente, naqueles dias de paz, uma carreira militar proporcionava muitas horas livres; a principal finalidade de seu ingresso nesta atividade foi realmente a de obter tempo adicional para os estudos esotéri-

cos e práticas místicas.

Foi através de um de seus companheiros oficiais que Saint-Martin encontrou Martinez de Pasqually, na época em que se localizava em Bourdeaux. Pasqually era Grão-Mestre dos Elus-Cohen. Depois de aprender sobre o trabalho e propósitos desta Ordem, e de uma devida preparação seguida de comprovado mérito, Saint-Martin foi iniciado na Ordem dos Elus-Cohen em 1768 quando tinha 25 anos. Nesta ordem, conseguiu alcançar o mais alto grau: Rosa-Cruz.

De 1768 a 1771, Saint-Martin foi reconhecido como sendo secretário pessoal de Pasqually e nestes anos, uma ligação muito estreita se estabeleceu entre eles. O caráter e os ensinamentos de Martinez de Pasqually criaram uma profunda impressão em Saint-Martin, impressão esta que permaneceu com ele por toda sua vida a qual ele próprio admitiu, mesmo nos últimos anos quando ingressou no seu próprio caminho, criativo e individual. O Grão-Mestre dos Elus-Cohen, reconheceu Saint-Martin como um brilhante Novo Homem, valoroso discípulo, qualificado para levar adiante a Obra.

Em 1772 assuntos pessoais chamaram Pasqually à Port-au-Prince, no Haiti, onde passou seus dois últimos anos. As idéias principais de seu trabalho, permaneceram então, com seus dois discípulos mais capazes: Saint-Martin e Jean Baptiste Willermoz. Saint-Martin e outros Martinistas próximos do último Grão Mestre, compreenderam que este não havia transmitido a maior parte de seu conhecimento a nenhum deles, talvez não tivesse encontrado entre eles alguém tão valioso para tal honra e responsabilidade. Por outro lado, como orientador, Saint-Martin sentiu-se obrigado a continuar em uma crescente via independente, envolvendo uma filosofia caracterizada pela sua própria compreensão oculta, maturidade e visão espiritual.

Publicou sua primeira obra filosófica: "Dos

Erros e da Verdade" aos 32 anos. Esta obra tem sido considerada como seu maior trabalho de pesquisa e a mais fecunda contribuição para a literatura esotérica. Foi publicada como sendo os escritos do "Filósofo Desconhecido", pseudônimo usado por ele, já que, o nome de Saint-Martin nunca apareceu durante sua vida iniciática, em nenhuma de suas obras. Durante vários anos de atividade literária, escreveu numerosas obras, entre elas: "Correspondências que existem entre Deus, o Homem e o Universo"; "Dos Números"; "O Espírito das Coisas"; "O Homem de Desejo"; "O Novo Homem"; "O Homem Espírito"; "Homem: sua verdadeira natureza e mistério". Estes livros tornaram-se bastante populares e muito lidos. Não demorou muito para que vários grupos se denominassem "Sociedade do Filósofo Desconhecido", que surgiram para estudar suas obras. Saint-Martin deixou também para a posteridade páginas de esclarecedoras correspondências pessoais.

Depois da publicação de sua segunda obra: "Correspondências que existem entre Deus o Homem e o Universo" em 1778, há uma lacuna em sua vida, difícil de se preencher. Este período foi dividido talvez, entre Paris, Lyon e uma misteriosa jornada a Rússia. Em 1787 suas atividades iniciáticas o levaram também a Londres onde foi introduzido nos mais altos círculos através de sua amiga a Marquesa de Coislin e do Embaixador Bartelemy; lá encontrou também William Law que foi uma espécie de Saint-Martin na Inglaterra; também encontrou o astrônomo Herschel e Lord Beauchamp que estava de pleno acordo com suas idéias transcendentais.

Em Estrasburgo, através de outra amiga Madame Beacklin, Saint-Martin foi apresentado às obras e escritos do teósofo alemão Jacob Boheme. Ficou tão impressionado com os trabalhos de Boheme que se submeteu a aprender alemão a fim de os ler na língua original. Posteriormente traduziu para o Francês muitos escritos de Boheme. Saint-Martin descobriu completamente aquilo que havia visto

rapidamente nos documentos de seu primeiro mestre; desde então, respeitou Boheme como a maior luz humana que se havia manifestado na terra desde aquele que era a própria luz.

Como Pitágoras, Saint-Martin viajou para estudar o homem e a natureza, e comparar o testemunho de outros com o seu próprio. Completamente devotado para a pesquisa da verdade que foi o constante objetivo de todos seus estudos e trabalhos, Saint-Martin finalmente desistiu do serviço militar, podendo assim se dedicar inteiramente aos seus estudos na qualidade de Ministro Espiritual.

Viajou para a Itália onde, mais uma vez, conheceu as mais distintas pessoas. Cardeais, Papas, Bispos, Príncipes e altos Oficiais o receberam, muitos dos quais tornaram-se seus amigos. Sobre tudo o Príncipe Galitzin da Rússia que declarou: "Sou realmente um homem desde que conheci Saint-Martin". O que fazia Saint-Martin nestas várias viagens? Estabelecia Grupos Martinistas. Trataremos desta questão mais adiante. Retornando de suas viagens à Itália, Alemanha e Inglaterra, foi condecorado com a cruz da Ordem de São Luiz, conferida à ele pela nobreza de seus sentimentos, uma honra da qual não se considerava merecedor.

Saint-Martin respeitava e amava as mulheres. De fato, elas eram muito atraídas por ele, que contudo nunca se casou. As mulheres, naqueles dias, não eram usualmente admitidas em Ordens Esotéricas, organizadas com bases maçônicas. Saint-Martin estava preocupado com isto; foi favorável à admissão de mulheres aos ensinamentos da Ordem (Elus-Cohen). Escrevendo a Willermoz em 1773 pergunta se a mulher não tem o mesmo trabalho a realizar, o mesmo inimigo a combater, as mesmas recompensas a esperar, tal como o homem; argumenta então, que ela deve conseqüentemente ser provida com as mesmas armas de guerra.

Saint-Martin tinha um semblante expressivo e

polidas maneiras, marcado por grande distinção e considerável reserva. De aparência bela, com uma graciosa e gentil personalidade, se movia nos altos círculos da nobreza e da cultura Francesa, fazendo o possível para disseminar ensinamentos místicos entre aqueles que estavam preparados e fossem merecedores.

Tornou-se largamente conhecido e sua companhia era muito requisitada. Mas enquanto era requisitado na sociedade e reconhecido pelo seu sucesso tinha em vista sua missão espiritual. Seu caráter estável era o de um místico de exaltada espiritualidade e fervorosa religiosidade. Seu profundo conhecimento, sua extraordinária iluminação e suas elevadas virtudes nunca estiveram sob suspeitas, devido ao seu ar humilde e sua simplicidade exterior. Suas palavras eram sinceras e tranqüilas; a atmosfera de benevolência que se espalhava ao seu redor é que manifestava o sábio, o Novo Homem formado por uma sólida filosofia e uma profunda religiosidade.

Amava a humanidade como sendo melhor do que parecia ser, e o encanto da boa sociedade o fazia pensar em que esta poderia se transformar para um nível mais elevado. Atuava de acordo com este sentimento.

Instrumentos musicais, caminhar no campo e conversas amigáveis eram os entretenimentos de seu espírito e atos de bondade de sua alma.

Ele nada possuía enquanto tivesse algo para dar. E foi recompensado em felicidade por tudo o que deu. Viveu com muito pouco, não aceitou nenhum lucro proveniente de seus livros e dizia que se considerava rico quando tinha uma "Louis-d'or" no bolso. Tinha prazer em ir ao teatro, mas muitas vezes à caminho de lá voltaria para ajudar alguém em necessidade.

Com a eclosão da Revolução Francesa, Saint-Martin padecia consideravelmente. As últi-

mas décadas do século XVIII na França, foram excessivamente turbulentas, sustentando com seu curso uma das maiores revoluções social e política da história. Durante todo este período Saint-Martin continuou escrevendo e ensinando. Apesar da condenada nobreza, não foi excessivamente molestado durante o reino do terror ou por qualquer outro motim violento daquela época. Mas seu pai morreu durante este período, o que quase coincidiu com a execução de Luiz XVI. Este episódio foi seguido pela execução de Philippe Egalité, irmão de sua amiga a duquesa de Bourbon, dona do palácio, em Paris, onde Saint-Martin estava no terrível dia 10 de Agosto de 1792. Ele escreveu: "tenho numerosas provas da Divina proteção sobre mim, especialmente durante nossa revolução as quais nunca havia tido anteriormente, mas em todas estas ocasiões tudo me tem sido dado como a uma criança. As ruas perto da casa onde me encontrava eram um campo de batalha; a própria casa era um hospital para onde os feridos eram trazidos e, além disso, era a todo momento ameaçada de invasões e saques. No meio de tudo isto tive que partir, sob risco de vida, para cuidar de minha irmã, a meia légua de onde me encontrava. No famoso dia 10 de Agosto, quando me encontrava em Paris, sem poder sair, cruzando ruas o dia todo, no meio do grande tumulto, tive tais provas marcantes das quais lhe digo que fui humilhado mais porque não tinha, absolutamente, parte alguma no que estava acontecendo e por não ser constituído do que chamam de coragem física".

Este é um dos milagres daqueles dias terríveis em que as freqüentes visitas de Saint-Martin ao palácio da duquesa e ao seu castelo em Petit-Bourg não lhe custou a própria cabeça.

Sua correspondência caiu sob suspeita, sendo chamado a responder por suas frases misteriosas. Em 1794 foi baixado um decreto exilando a nobreza de Paris e isto o forçou a se retirar da cidade para Amboise, onde lhe foi

permitido ficar sem maiores inconvenientes; contudo, numa carta ao seu amigo o barão de Liebistorf datada de 23 de Maio de 1794, há duas pequenas afirmações que demonstram a sua condição. Ele diz: "a fraqueza de meus olhos cresce dia a dia" e "estou me congelando aqui por falta de lenha; enquanto que em minha pequena terra natal não me faltava nada; mas não devemos pensar nestas coisas". Talvez, uma observação interessante possa ser notada aqui, extraída desta mesma carta; Saint-Martin diz que descobriu acidentalmente que os trabalhos de Jacob Boheme foram o estudo favorito de Isaac Newton, que fez notáveis extratos deles. Saint-Martin acrescentou estas palavras: "não creio que Newton deduziu daí seu sistema de atração, porque este é totalmente físico e não vai além da superfície, enquanto que aquele de Boheme vai ao núcleo". Comentando sobre a diferença entre Boheme e Swedenborg, Saint-Martin escreve em seu "Portrait Historique": "Revendo alguns extratos de Swedenborg tive a impressão de que ele tinha mais daquilo que se denomina "a ciência das almas" do que da "ciência dos espíritos", e nesta relação, embora indigno de ser comparado a Boheme no que diz respeito ao verdadeiro conhecimento, é possível que possa servir a um grande número de pessoas, enquanto Boheme está destinado somente a homens totalmente regenerados, ou pelo menos que tenham um grande desejo neste sentido.

Por volta de fim de 1794 contudo, apesar de sua nobreza, que lhe causou a interdição de Paris, foi escolhido pelo distrito de Amboise, como um daqueles que estavam sendo selecionados para o treinamento de professores que seriam instrutores em escolas públicas. Retornou então a Paris em paz e com dignidade em 1795 e participou das primeiras assembleias eleitorais.

Durante o tempo em que foi banido de Paris, manteve correspondências sobre tópicos de caráter abstrato e elevado, enquanto que a maioria dos homens se ocupavam com inte-

resses políticos os quais agitavam a Europa sem desmerecer, é claro, a importância da influência destes no destino do homem e da natureza.

Vivendo em solidão, separado de seu conhecimento no meio da tormenta do mar das paixões, nomeou a si mesmo o Robinson Crusoe da espiritualidade. Foi nesta época que se correspondeu vastamente com o nobre Suíço, barão Kirchberger de Lubrstorf, um membro do Grande Conselho de Berna. Como foi mencionado anteriormente, a totalidade das correspondências foi traduzida para o Inglês e se encontra sob o título de "Louis Claude de Saint-Martin: correspondência teosófica".

Em 1795, Saint-Martin escreveu que suas condições físicas tinham melhorado relativamente. Estava então se aproximando, quase sem querer, de uma vida caracterizada pelo sacrifício e abnegação. Chegou a conhecer tanto a alegria e o sucesso quanto a melancolia e o desapontamento. A condenação de sua primeira obra pela inquisição espanhola e as dificuldades em relação à paz entre várias nações muito o afetou. Além disso, um pagamento que havia recebido do estado de seu pai foi confiscado pelas autoridades e por falta de recursos não pode recorrer, sendo destituído. Estava plenamente consciente de seu fim e isto parecia inspirar-lhe novas atividades. Foi admirado pelo seu bom senso e sua simples e amável modéstia. Seu caráter afetuoso e espírito comunicativo teriam, sem dúvida, lhe assegurado muitos discípulos, mas não seguiu a fazer neófitos, queria somente amigos para seguidores; amigos, não de seus livros mas um dos outros.

Assim, em 1800 publicou dois volumes de ensaios sob o título de "O Espírito das Coisas". Estes foram seguidos em 1802 pela sua primeira e única tentativa formal de reconciliar o sistema derivado de Martinez de Pasqually com as iluminações de Jacob Boheme: "Homem; sua verdadeira natureza e mistério", o mais elaborado e ao mesmo tempo o

mais difuso de seus trabalhos. Coincidentemente com cada uma dessas obras foi publicado sua tradução de: "Aurora Nascente" e "Três Princípios" de Jacob Boheme.

"Em consequência, disse ele, ao estar completando 60 anos, avançando em direção a grandes satisfações que há muito me haviam sido prognosticadas". O campo ao redor de Aunay, perto de Sceaux, onde possuía um amigo, sempre lhe oferecia belezas naturais que elevavam sua alma. Desejou ter uma conversa com Monsenhor Rossel um grande matemático, profundo conhecedor da ciência dos números, a ciência secreta que constantemente ocupou sua mente; tal encontro foi arranjado e realizado pelo seu amigo Monsenhor Gence. Depois da conversa disse: "Sinto que estou indo, a Providência me chama; estou pronto! Os germes que tenho me empenhado em semear frutificarão. Parto amanhã para a casa de campo de um amigo. Agradeço à Divina Providência por me ter concedido este último favor que tive que pedir". Despediu-se do Monsenhor Rossel e Gence apertando-lhes as duas mãos.

No dia seguinte, como havia dito, foi para a residência de campo do conde Lenoir La Roche em Aunay que tanto amava. Após uma leve refeição, retirou-se para o seu quarto quando teve um ataque de apoplexia. Embora sua língua não estivesse livre, foi capaz de se fazer entender pelos amigos que se reuniam ao seu redor. Sentindo que todo socorro humano era inútil, orientou todos aqueles que estavam à sua volta que tivessem confiança na Providência e que vivessem juntos como irmãos no verdadeiro amor. Orou em silêncio e partiu sem luta e sem dor, em 13 de Outubro de 1803.

Seus amigos afirmaram que seus últimos momentos foram de êxtase. Uma luz o circundou e o transfigurou. Já vivia em outro plano, provando que a morte de um místico e iniciado é livre do temor do desconhecido.

Saint-Martin deixou muitos discípulos em vários países. Após sua morte, estes iniciados prosseguiram com a transmissão da Iniciação e difusão da doutrina do Filósofo Desconhecido. Em 1821, tiveram lugar as iniciações de pessoa à pessoa. A partir do ano de 1880, grupos de iniciados levaram a transmissão deste tipo de iniciação por vários lugares, particularmente Itália e Alemanha. Esta atividade teve seu auge por volta de 1890 quando Papus fundou a Ordem Martinista a fim de perpetuar a Obra de maneira mais ordenada.

### **Máximas e Pensamentos de Louis-Claude de Saint-Martin**

*"Tenho notado que em quase todos os lugares do mundo, aqueles que não conhecem as verdades são os mesmos que mais do que depressa as proclamam".*

*"A única diferença entre os homens é que alguns estão em outro mundo e estão conscientes disso, enquanto outros estão lá sem nem mesmo imaginar".*

*"Regozije-se quando Deus te testar, este é um sinal óbvio de que Ele não te esquece".*

*"Um de meus pesares é ver certas pessoas que por serem caridosas, pensam ser privilegiadas por uma mente avançada, como se as virtudes fossem incompatíveis com moderação e justo senso".*

*"Esperar que os homens aliviem as dificuldades de sua senda espiritual é como se tivesse caído no meio do mar e de repente passasse pela sua cabeça pedir às ondas que o sustentem, impedindo-o de naufragar, sem emitir nenhuma resposta elas poderiam se manifestar e ele cairia nas profundezas do abismo".*

## O Martinismo Russo do Século XVIII até Nossos Dias - Daniel Fontaine

### I - Introdução

Os Irmãos que praticam o Rito Escocês Retificado perguntam-se frequentemente quais são as fontes de seu Rito e quais foram seus inspiradores. Jean-Baptiste Willemoz, homem de síntese das diferentes correntes iniciáticas que compõe nosso Rito, já nos é conhecido. Por outro lado, Martinez de Pasqually e Louis Claude de Saint-Martin, o são um pouco menos, e essa é a razão que motiva o presente trabalho.

Tive a sorte (a palavra Providência e o que ela expressa seria mais apropriada) de conhecer, no final de 1979, um irmão que dizia ser um dos últimos descendentes do Martinismo Russo. Nos encontramos em diversas ocasiões e travamos uma boa relação, suficiente para que me relatasse, primeiramente a história do movimento Martinista (conhecido como Rito de Novikoff) e, logo depois, me escrevesse uma curta nota sobre o que caracteriza a espiritualidade e a originalidade de sua Ordem. A proximidade de Saint-Martin e tudo o que ele representa para nosso Rito Retificado, fez com que me apaixonasse rapidamente pelas nossas conversas e que, finalmente, lhe pedisse autorização para publicar, se não a totalidade do tratado nelas, pelo menos um bom extrato das mesmas.

Mas, antes de tudo, falemos de filiação e, sobretudo, de transmissão:

I – Em primeiro lugar, o que é a transmissão e o que é que se transmite? Uma influência espiritual, sem dúvida, que deve permitir transformar, sempre e quando está não se encontra em estado de virtualidade, o Ser Interior, e essa transmissão obedece a leis bem determinadas.

II – Encontrando-se o homem num estado terrestre, a influência deverá utilizar meios

dessa mesma ordem. Podemos encontrar esses meios desde as origens da humanidade e eles são os ritos e os sacramentos (a palavra rito vem do sânscrito *Rita* que significa Ordem).

III – A transmissão deve fazer-se por uma Ordem qualificada e acreditada, com sua certificação..

IV – Essa transmissão deve ser **ininterrupta**; na sua falta, assistiríamos a uma **paródia risível**, a uma espécie de simulacro ou representação.

V – A manipulação das influências espirituais deve ser **reservada** àqueles que estão qualificados para essa função, o contrário seria um desvio, um **desordenamento**, o que poderia produzir o efeito inverso ao esperado e, inclusive, entrar no quadro da contra-iniciação e do satanismo.

Por todas essas razões, as Ordens iniciáticas não conferem o poder de iniciar a todos os seus membros, mas somente àqueles Seres qualificados para transmitir essa iniciação.

Todos nós conhecemos homens que, tendo encontrado um ritual sabe-se lá onde, põe-no em prática, auto intitulado-se grande mestre de qualquer coisa. É necessário denunciar essas práticas perigosas, que Saint-Martin denominava “a iniciação pelas formas, pelas cerimônias externas” que não procuram, em conseqüência, **nenhuma influência espiritual**. Mais adiante voltaremos a este assunto.

### A Filiação

Segundo Franz von Baader (em seus “Ensinamentos secretos de Martinez de Pasqually”), Saint-Martin jamais teve a intenção de criar uma Ordem Martinista. Pessoalmente, creio que isso é exato e, portanto, quan-

do se lê seu relato com atenção, percebe-se o significado do que é dito na página 155: Louis Claude de Saint-Martin, depois da morte de Martinez de Pasqually viveu na casa de Willermoz em Lyon, e a deixou bruscamente já que estava em desacordo com a maçonaria e dizia: “Necessitam fazer um montão de coisas simplesmente para crer em Deus!”.

Desde então, sua principal preocupação foi a de encontrar os místicos alemães e **russo**s. Nesse mesmo relato, F. von Baader acrescenta que, por essa mesma época, ele esteve visitando seus amigos para explicar-lhes o que era a Verdadeira Iniciação... e para transmiti-la a eles! Com efeito, para Saint-Martin, a Iniciação estava simbolizada pelo triângulo: Deus – o Iniciador – e o Iniciado, com um Ritual muito simples, de uma total nudez, diríamos agora central, singelo, tendo necessidade de um mínimo de formas.

Saint-Martin tinha obtido sua Iniciação de Martinez. Muitas coisas foram escritas sobre este último e boa parte dos historiadores continua entre perplexa e sarcástica com relação a ele.

Certamente, pode-se rir de seu sistema que não terminou nunca, mas sua vontade original não era a de abrigar uma iniciação, uma doutrina ou ritos sob a cobertura insignificante de um sistema pára-maçônico, o dos Elus-Cohens do Universo. Entretanto, ainda que católico romano, tanto sua origem como a de sua família remontava, segundo certos historiadores, à Itália, ou a uma família espanhola de Santo Domingo, muito provavelmente a uma linha judia originária da Espanha da qual sua família guardava “alguma coisa” que era transmitida de pais a filhos. Será por acaso essa “coisa” o ele que quis transmitir-nos em sua Ordem?

Não percamos de vista o fato de que a corrente mística foi muito importante na Espanha ao ser crisol de três religiões monoteístas. Recordemos Abulafia de Girona, tanto

para a cabala e a mística judaicas; de São João Crisóstomo e de Santa Teresa de Ávila para os cristãos; e de Ibn Arabi, para os muçulmanos. Podemos rir de Martinez e, inclusive especular sobre se o que ele nos deixou parecem só vestígios, é incoerente, está pela metade, ou mal explicado, mas isto não impedirá que ele seja o herdeiro de uma fabulosa linha de Iniciados.

Por outro lado, nem Willermoz nem Saint-Martin jamais riram dele. Ainda mais, o próprio Saint-Martin, primeiro tradutor para o francês de Jacob Böheme, afirmará (em sua carta a Kirchberger de 11 de julho de 1796): “Nossa primeira escola tem coisas preciosas. Atreveria-me inclusive a crer que M. Pasquallis (sic) de quem me fala e, posto que há que dizê-lo, era nosso Mestre, tinha a **chave ativa** de tudo o que nosso querido Böheme expõe em suas teorias, mas não acreditou que estivéssemos no estado necessário para ter essas altas verdades. Sustentava também pontos que nosso amigo Böheme, ou **não conheceu**, ou não quis mostrar-nos, etc...”. [Essa chave ativa, tinha o poder de pôr em movimento certas energias espirituais que permitiam ao novo iniciado melhor compreender as coisas do alto e progredir na Via. Se não, para que serviriam os rituais, as liturgias, etc?]. O que fazia L.C. de Saint-Martin dizer que Martinez sabia infinitamente mais que Böheme? Não há, pois, que tomar superficialmente **o que Saint-Martin podia transmitir e ensinar**.

E, que transmissões possuía Saint-Martin? As da Maçonaria e as de Martinez; as mesmas que Willermoz. Mas, quais eram as transmissões de Martinez? A benção patriarcal? Uma doutrina que recordava a cabala prática, uma Teurgia vinda de um passado remoto através dos judeus da Espanha? Por que não? Talvez se possa dizer também que Martinez representava a última corrente da Cabala de Safed, pelas correntes Sabateístas dos Askenazi do leste da Europa?

Willermoz fez de tudo isso um sistema muito



coerente, partindo do sistema Templário da Estrita Observância, desprovido de doutrina e talvez também de verdadeira transmissão iniciática com uma iniciação artesanal e as premissas da doutrina Martinezista incluídas nos três primeiros graus – uma iniciação cavalheiresca e real com a Ordem interior dos C.B.C.S. e, finalmente, uma iniciação sacerdotal com os Professos e Grandes Professos, graus criados por Willermoz certamente, mas com a doutrina e a transmissão de Martinez. Quanto a Saint-Martin, seguia uma via mais direta, e a Iniciação que conferia em um só grau (e em 7 graus nos Martinistas Russos) era, **quando menos**, equivalente à dos Grandes Professos. Mas, em contrapartida, não se podia ascender a ela senão após uma longa formação e Saint-Martin, no final de sua vida, terminou por aproximar-se da Maçonaria e a considerá-la como “um bom caminho” para chegar a esse termo. Poucos homens são, com efeito, capazes, imersos como estão no mundo profano, de receber uma tal iniciação sem a preparação requerida, daí que o caminho maçônico, ou as escolas, como a do próprio Saint-Martin (ver sua correspondência com o Barão de Liebestorff, citada por Van Rijnberk na qual se faz menção, em diversas ocasiões, à escola do “Filósofo Desconhecido”) que lhe permitia ensinar sua doutrina e, sobretudo, ver se os postulantes eram verdadeiros “homens de desejo”.

Há uma diferença fundamental entre os Rosa+Cruzes (grau que Willermoz nunca recebeu completamente), pertencentes à Ordem dos Elus-Cohens do Universo de Martinez de Pasqually, que recebiam uma Iniciação sacerdotal a qual culminava em uma teurgia, e os Grandes Professos que recebiam igualmente uma iniciação sacerdotal, seguida da explicação da Doutrina contida no Tratado da reintegração de Martinez, mas que não dispunha de nenhum meio teúrgico. Poderíamos dizer que os Martinistas Russos se situam entre estas duas concepções.

Parece, pois, ser admitido atualmente que

Saint-Martin procedeu a iniciações individuais e que fundou essa escola na qual, entre outros, o conde de Gleichen sendo já Elu-Cohen, tornou-se seu discípulo. Um artigo de Varnhagen Von Ense, menciona ainda essa escola, composta de poucos membros cujo objetivo era a pura espiritualidade. Em Estrasburgo, Paris e Lyon sabemos, por notas dirigidas ao professor de teologia Koster de Göthingue (20 – XII – 1795), que amigos de Saint-Martin formaram grupos muito restritos, mas unidos entre si pela Iniciação.

Definitivamente, quando relemos a correspondência dos místicos da época, percebemos rapidamente que Saint-Martin formava seus adeptos para logo iniciá-los e transmitir-lhes esse depósito sagrado.

Mas, o que acontecia na França depois do século XVIII? A extinção quase completa da Iniciação Martinista e completa do Rito Escocês Retificado até que, num passado relativamente recente, voltamos a encontrar Papus, renovador “de uma ordem Martinista” e da qual falaremos mais adiante. De outro lado, temos igualmente uma segunda transmissão, russa nesse caso, apoiando-se sobre os séculos de trabalho ininterrupto e com princípios bem estabelecidos: escola, ensino, doutrina, rito, ascese, etc.

Mas, voltemos ao assunto e, em primeiro, lugar à parte histórica, tomada ao Filósofo Desconhecido, que nos autoriza a publicar o que segue (No Martinismo Russo, o Filósofo Desconhecido é aquele que recebe o “poder” de iniciar. Converte-se no responsável de um capítulo e prepara principalmente os futuros “associados” em reuniões livres):

## **II - Alguns Traços de História**

Examinando os arquivos desse Filósofo Desconhecido, não pude evitar de pensar que o Martinismo e o espírito de Louis-Claude de Saint-Martin estavam muito próximos da al-

ma russa, inclinada à contemplação, à vida espiritual e religiosa. Da segunda metade do século XVIII até a revolução de 1917, o Martinismo constituiu um dos ramos favoritos do movimento iniciático russo, composto por membros da família real, da aristocracia, de sábios, de escritores, de intelectuais e de membros do alto clero tais como o metropolitano Platão, o Filaleta, que até metade do século XIX, se congratulavam de pertencer a ele.

Em suas origens, os Martinistas tentaram, para pôr em prática suas idéias, educar as massas, aliviar a miséria e suavizar os costumes. Falaremos, em seguida, do grupo de Nicolas Novikoff, escritor muito conhecido, considerado um “iluminado” e homem de ação ao mesmo tempo, que viveu sob o reinado de Catarina II. Os membros mais conhecidos de seu grupo foram: Lopoukhine, o Príncipe Nicolas Troubetzkoi, o conde Pedro Tatistchef, Ivan Tourgueniev, o professor Schwartz, Gamalei, o poeta Kherastow, etc.

A ação de todos esses homens no plano profano foi muito importante, já que tentaram formar as massas, propagar a verdade e, se tiveram tanta audiência, parece ser porque, enquanto Iniciados, mostraram o caminho a seus adeptos, tanto com o exemplo como por sua experiência espiritual.

Novikoff se relaciona por filiação direta, com o príncipe Kourakine, diplomata russo que, devido à sua estadia na França, tinha conhecido pessoalmente Saint-Martin estabelecendo relações de amizade e sendo iniciado por ele, recebendo a missão de implantar o Martinismo, ou melhor ainda, sua Iniciação na Rússia (outros russos estiveram em relação direta com Saint-Martin, como o príncipe Golitzine, o príncipe Simeón Worontzor, embaixador russo em Londres; os condes Morkow e Zinoniev que freqüentaram Saint-Martin em Lyon, pelos anos de 1783 - 1784).

Até 1780, o grupo Novikoff desenvolveu uma

grande atividade nos meios intelectuais russos. Mesclados com o movimento maçônico, muito em voga naqueles tempos, os Martinistas propagavam o esoterismo, as idéias de Saint-Martin, de Böehme, de Swedenborg, de Kunrath, de Paracelso, de Cornélio Agrippa, etc...

A seção de manuscritos dos séculos XVIII e XIX do antigo museu Alexandre III de Moscou, compreendia duas salas inteiramente reservadas para as relíquias do “Martinismo de Moscou”. Manuscritos, quadros e desenhos místicos, medalhas, obras publicadas pelas edições de Novikoff, selos, cordões e insígnias.

Depois da Revolução, essa seção foi completada por um abundante acréscimo proveniente de arquivos e bibliotecas privadas oferecidas pelos seus proprietários, descendentes de Martinistas, ou coletados nas propriedades ou imóveis particulares pelos membros das comissões encarregadas de preservar os monumentos antigos.

Novikoff publicou uma revista espiritualista e abriu, em Moscou, uma editora e livrarias. A editora se encarregou de traduzir para o russo e publicar as obras mais significativas do esoterismo.

Os martinistas de Novikoff não se limitaram ao lado puramente místico do ensino esotérico. Fiéis aos princípios cristãos, se dedicavam à caridade e, como nossos Irmãos franceses do Rito Escocês Retificado do século XVIII, colocavam em prática a beneficência. Logo tomaram a frente do movimento liberal que reclamava reformas, especialmente a extensão do ensino a toda a massa do povo, buscando, em geral, suavizar os costumes.

A própria Catarina II conhecia pessoalmente Novikoff que, em sua juventude, tinha servido na guarda imperial, e participado do golpe de Estado pelo qual ela tinha chegado ao poder. Via sua atividade de maneira benevolente.

te, polemizando com ele nos jornais e parecia favorecer o Martinismo. Seu renome se estendeu por toda Rússia e não deixou de crescer até a Revolução.

Logo veio a revolução francesa de 1789 e, nas cortes de todos os reinos da Europa, as forças reacionárias acusaram as sociedades secretas de fomentar a tormenta revolucionária e propagar idéias subversivas. Instigada por seus conselheiros, Catarina II mudou sua atitude benevolente. Chegou a suspeitar, inclusive, que o grupo de Novikoff tinha, no estrangeiro, contatos com sociedades secretas de tendência revolucionária e acusou os Martinistas de fazer propaganda e levar a cabo um trabalho de destruição das bases do poder imperial.

Os Martinistas caíram em desgraça; seu declínio começou em 1791. Em abril de 1792, em Moscou, a revista e as livrarias foram fechadas, e os livros encontrados em lojas foram confiscados. O próprio Novikoff foi preso na fortaleza de Schlisselburgh. Outros membros eminentes do grupo como Lopoukhine foram confinados em suas terras, e inclusive alguns foram deportados.

Depois de sua ascensão ao trono, o Imperador Paulo I, sucessor de Catarina II anistiu, mediante decreto de 5 de dezembro de 1796, a todos aqueles que haviam sido condenados quando do processo de Novikoff, incluindo o próprio Novikoff.

No princípio do reinado de Alexandre I, ou seja, na sua fase liberal, as sociedades secretas foram novamente autorizadas. Entretanto, os Martinistas não tinham esquecido o “caso Novikoff”. Em 1803, por ocasião de um congresso de dirigentes da Franco-Maçonaria, F. Labzine, Martinista e franco-maçom, propôs o seguinte programa:

“Enquanto a atmosfera da Rússia não for purificada do absolutismo, as sociedades secretas esotéricas não deverão manifestar-se à

plena luz, mas deverão continuar trabalhando sob o véu do segredo, a fim de que os irmãos não tenham que temer diante da possibilidade de novas perseguições”.

Fiel ao programa de F. Labzine, o grupo Martinista denominado “Tradição de Novikoff” não entrou em relação com a confederação oficial dos Franco-Maçons russos. Os Irmãos continuaram reunindo-se secretamente, em pequenos grupos, nos castelos em zonas rurais e em apartamentos particulares. Quando, no fim do reinado de Alexandre I, as sociedades secretas foram de novo perseguidas, os Martinistas não foram afetados. Daí até a revolução de 1917, as relações entre as autoridades e os Martinistas foram as seguintes: ignorando a existência dos Capítulos, as autoridades oficialmente se faziam de desentendidas e não faziam nada para impedir seus trabalhos. Os Martinistas, por seu lado, se dedicavam à ciência esotérica e não se imiscuavam em absoluto no mundo da política.

No início da segunda metade do século XIX, os Martinistas mais notórios foram: F. Labzine (que tinha traduzido para o russo a obra de Saint-Martin), F. Posdeev, Speransky, ministro e autor do “código das leis do império russo”, os pintores Brulof e Ivanof, os poetas Joukovsky e Boratynsky, o conde Alexis Tolstoi, e finalmente, o célebre eslavófilo (partidário da propagação da cultura ou tradições eslavas) Arsenief.

Moscou foi, no século XIX e a princípios do século XX, o centro da Iniciação Martinista de filiação Novikoff. A Loja São João Apóstolo de Moscou tinha transmitido a espada ritual de Novikoff a Gamalei, de Gamalei a Posdeev, deste a Arsenief que, por sua vez, a transmitiu a Pedro Kasnatcheef que se tornou, até 1911, delegado geral para a Rússia do Supremo Conselho da Ordem Martinista de Paris. (Devo assinalar que o Martinismo Russo se manteve sempre à distância do Martinismo Francês, do qual alguns de seus chefes, entre 1917 e 1939, se encontravam

mais próximos do ocultismo que do mais puro espírito místico e esotérico desses grupos).

Antes da revolução de 1917, existiam na Rússia três principais centros Martinistas.

1 – O Soberano Capítulo de São João o Apóstolo de Moscou, com o Filósofo Desconhecido Pedro Kasnatchef. Este último era um importante representante da antiga tradição esotérica russa e além de seus conhecimentos esotéricos, alquímicos e herméticos, fazia de sua vida um exemplo. Tinha herdado de seu Iniciador Arsenief, toda a Tradição de Novikoff, quer dizer, o ensino do Martinismo assim como o grau de Teórico dos Rosacruzes de ouro do século XVIII. Entre os Martinistas de Moscou, constavam os poetas Andrey Bely (logo convertido num entusiasmo antropósofo e amigo do Doutor Steiner), Maximilien Voloschine, Valérie Brioussov, o crítico Serge Kretchetov e sua mulher, Lydia Ryndina, uma atriz muito conhecida em seu tempo. Ouspensky (autor de diferentes obras sobre esoterismo) e Dimitri, o filho de Pierre Kasnatcheev que herdaria de seu pai a espada de Novikoff e Arsenief.

2 – O Soberano Capítulo Appolonius de São Petersburgo, com o Filósofo Desconhecido G. O. Von Mebes. Grigory Ottonovich Von Mebes era professor de matemática e um sábio erudito apaixonado pelo esoterismo. Tinha publicado, desde 1911, diferentes obras sobre esoterismo, cabala e arcanologia (numerologia). Em sua qualidade de grau soberano, que também ostentava no Capítulo de Moscou, tinha um grau superior que lhe permitia estudar mais a fundo a Cabala e a numerologia, sob o nome de “*Emesch pentagrammaton*”. Os Irmãos e Irmãs mais avançados tinham acesso a esse tipo de estudos. Von Mebes tinha escrito para esse grau, duas obras: o “Curso Cabalístico” (explicação dos dez primeiros capítulos do Gênesis) e uma tradução do Cânticos dos Cânticos. Os Irmãos e Irmãs mais avançados de seu Capítulo

eram: os professores da Universidade de São Petersburgo Boris Touraef, eminente egiptólogo, autor do livro “o Deus Tot” (Deus Iniciador), e Zelinsky, que publicou uma série de obras e artigos sobre a Iniciação da Grécia antiga; Etimov, lingüista e brilhante conhecedor das Tradições esotéricas do Oriente e Ocidente; o poeta e historiador Viatcheslav Ivanov; o senador Zakharov que foi, durante um certo tempo, representante do czar Nicolau II junto ao Dalai Lama em Lhasa; Leon Von Goer e Madame Voiekov (que publicou diferentes obras sob o pseudônimo de “Perséfone”). Depois da revolução, o grupo Von Mebes continuou seu trabalho, desafiando as circunstâncias até que, em 1927 ou 1928, Von Mebes foi preso e mais tarde deportado a Solovskiy, no extremo norte, depois do que seu grupo foi disperso.

3 – O Soberano Capítulo de Santo André, Apóstolo nº 1, do qual o Filósofo Desconhecido era Serge Marcotoune, egiptólogo e advogado internacional. Recebeu o grau de associado na Rússia e o de Iniciado na Itália, em 3 e novembro de 1912 e o grau de S. I.: em sua volta à Rússia. Jean Bricaud lhe dirigiu uma Carta nomeando-o delegado do Supremo Conselho para a Ucrânia. Carta assinada por Bricaud, Magnet, Victor Blanchard e Teder. Em 25 de dezembro de 1912, recebeu do Capítulo São João Apóstolo de Moscou, uma carta autorizando-o a fundar o Capítulo Santo André nº 1 e uma carta do Supremo Conselho Russo, nomeando-o delegado especial perante os governos de Kiev – Tchernigov – Poltava. Em 5 de janeiro de 1915, é feito membro de honra de São João Apóstolo de Moscou. Membro do governo Ucrâniano em 1917, tentou por todos os meios manter a Ucrânia fora da revolução e continuou fazendo trabalhar seu grupo até 1920.

Depois da sua chegada à França, reagrupou Ucrânianos e Russos para fundar um novo Capítulo, primeiramente sob o nome de Renascimento e, com autorização do Grande Mestre francês, Jean Bricaud (carta patente

de 22 de dezembro de 1920), mais tarde sob o nome de Santo André Apóstolo n° 2. Pudemos encontrar em seus arquivos os seguintes nomes: o príncipe Repline, o Doutor Camille Savoire, Keranz, Artemio Galip, Golenitchek Koutouzov (feito mais adiante oficial geral da União Soviética), Kadin, Romachkof, o Grande Comendador do Supremo Conselho da França Raymond, Djemil Martin, Ivanof Dorojinsky, Ivraemof, Desquier, Malkowski, Toussaint (Filósofo Desconhecido de Bruxelas), o conde Cheremeteff, de Tombay, Pierre de Ribaucourt, Charles Riandey, Grande Comendador do Supremo Conselho da França, etc.

Serge Marcotoune chegou a publicar na França um resumo surpreendente da doutrina Martinista ensinada na Rússia, sob os títulos: “A Ciência Secreta dos Iniciados” (Paris, 1928) e “A Via Iniciática” (Paris, 1956).

Durante toda a ocupação alemã, de 1939 a 1944, o Capítulo de Santo André Apóstolo n° 2 reuniu-se regularmente, rogando incansavelmente por todos os Irmãos e todos homens no infortúnio.

De 1945 a 1953, o Capítulo funcionou normalmente, mas nessa época, o Filósofo Desconhecido retirou-se para a Espanha sem deixar sucessor. Só alguns anos depois, em 1969, autorizou um Irmão do Capítulo a constituir um novo grupo Martinista em Paris, herdeiro em linha direta, de Santo André Apóstolo n° 2 e de São João Apóstolo de Moscou (carta patente de julho de 1969).

Devo esclarecer a nossos leitores que tivemos acesso aos arquivos desse grupo, arquivos forçosamente reduzidos por causa da tormenta revolucionária que transtornou a Rússia em 1917. Não obstante, pudemos ver os diplomas e patentes do Filósofo Desconhecido Serge Marcotoune, datados do início do século e provenientes de Moscou – São Petersburgo – Kiev; também pudemos ver e verificar muitas outras coisas, pois se

encontra ali também, tudo o que pertence à “história sutil” e, para parafrasear nosso Mui Rev. Cavaleiro Henry Corbin, não esqueçamos nunca que a ausência de documentos só prova... a ausência de documentos! Uma última observação: os historiadores atuais têm a tendência de pretender que os Martinistas russos não eram mais do que simples franco-maçons (gostaríamos de saber em quais documentos se sustentam para isso). De resto, os Martinistas russos tiveram sempre um papel de educadores sobre a Maçonaria, eles foram seus inspiradores espirituais, daí essa denominação espalhada por toda a Rússia. Em qualquer caso, o que é certo é que por sua condição de discípulos de Saint-Martin, viveram rodeados de respeito, tanto por sua conduta na vida profana como por sua alta espiritualidade.

**Nota Adicional:** O Doutor Philippe Encause, filho do Doutor Papus, em seu livro “O Mestre Philippe de Lyon” conta a história das relações entre os Martinistas Franceses, particularmente as do Doutor Papus e as do Mestre Philippe com a Família Imperial Russa. Cita uma enormidade de documentos e testemunhos de diversas pessoas.

Pelo que pudemos saber, através de nossos Irmãos que estiveram em contato com o círculo de Kiev e Moscou, o relato do Doutor Encause corresponde à verdade. Uma Loja especial foi fundada na corte, “A Cruz e a Estrela”, da qual tomava parte Saint Vladimir, e da qual o Filósofo Desconhecido tinha sido o Grão Duque Nicolas Nicolaevitch. Conta-se, nos meios Martinistas Russos, que um dia o Filósofo Desconhecido anunciou à assembléia que “a partir daquele momento, a Irmã e o Irmão Romanoff não assistiriam mais às reuniões”. Todo mundo soube que isso era devido à exigência de Gregory Rasputin.

Nunca pudemos saber se essa Loja continuou com seus trabalhos depois da saída dos Romanoff, já que ela não era considerada pelos Martinistas Russos como “regular”.

### III - O Espírito e a Doutrina

Se era grande meu interesse em conhecer o aspecto histórico e a filiação direta desse grupo com L.C. de Saint-Martin, não era menor por conhecer sua maneira de trabalhar. Devem ser destacadas, em primeiro lugar, suas duas filiações: de um lado a de Saint-Martin, e de outro, a da Rosacruz de ouro alemã, fundada em 1777.

Situam-se, de início, numa tradição mística e têm rejeitado sempre o aspecto “ocultista” que encontraremos, ao contrário, nos grupos franceses. Parece que teria havido uma transmissão de Saint-Martin a Papus (ver “Um Taumaturgo no século XVIII”, tomo II, págs. 30-31, onde Van Rijnberk exhibe toda a filiação). Em contrapartida, no que concerne à doutrina, o próprio Papus escreve (Martinezismo, Willermozismo, Martinismo e Franco-Maçonaria, 1899, págs. 44-45): “Só recebi de Delaage um pobre depósito constituído por duas letras e alguns pontos” e acrescenta: “as primeiras iniciações pessoais, sem outro ritual além dessa transmissão oral das duas letras e os pontos, tiveram lugar de 1884 a 1885”. Podemos, pois, perguntar-nos com razão, juntamente como Van Rijnberk: “Se Papus não recebeu mais que as duas letras e os dois grupos de 6 pontos... de onde saíram os cadernos de Iniciação da Ordem Martinista Francesa?” Paul Vuillaud, por seu lado, nega inclusive, toda transmissão direta em sua obra “Os Rosacruzes Lioneses do século XVIII”. Em contraposição, esse grupo Russo possui toda uma doutrina, explicada por uma antiga tradição oral de mais de dois séculos.

O que caracteriza essa Ordem? Em primeiro lugar é composta por homens de Desejo. Assim como Martinez de Pasqually, eles têm a sabedoria de rejeitar a Iniciação daqueles que julgam “não iniciáveis”. Têm, pois, uma ardente fé na realidade da via iniciática cristã.

É o que eles chamam seu ponto de amarra, isto é, seu ponto de união com o plano espiritual. Tentam manter os membros de seu grupo em estado de contínua vigília, procurando sem cessar alcançar sempre planos mais elevados. Entre eles, não há ocultistas, mas homens em busca do **VERDADEIRO**, que desconfiam da falsificação interessada e procuram ser autênticos.

Tudo o que aprendem quanto às leis essenciais da Tradição, leis dos números, simbolismo, etc, deve repercutir em sua conduta e esforços cotidianos (“por suas obras os reconheceréis”, “que ninguém pretenda ser discípulo do Cristo se não tiver o modo de viver do Senhor”). Com efeito, além dos ensinamentos abstratos e metafísicos, há considerações práticas e uma linha de conduta a seguir. É indispensável que a personalidade profana ceda o passo ao Ser interior, que é o único que guarda a marca da mônada divina. O verdadeiro Iniciado não age por sua própria vontade, mas se submete à vontade divina, para participar da Grande Obra Universal. Acaso não é esse o sentido do sacrifício do Filho do Homem e do Messianismo?

Vejamos o que fazem em seu grupo para avançar em direção à Luz. Primeiramente, cada aspirante deve consagrar todos os dias um certo tempo à oração e a duas formas de meditação: a concentração passiva que leva a um estado contemplativo e um abandono de todo seu ser às vibrações espirituais e a concentração ativa, com um programa sobre as idéias e símbolos dados pelo Mestre, em função do estado de realização de cada discípulo. Agreguemos a isso uma certa técnica para conseguir o controle da respiração e uma oração interior para terminar. Muitos maçons ou profanos se afastam do cristianismo em busca de uma via de realização de características similares às descritas, em outras tradições. Isso acontece continuamente, podemos ver a cada dia, mas deveria ser extre-

mamente raro, excepcional. Se nascemos numa Tradição, o lógico é permanecer nela e vivê-la plenamente... é então que encontraremos Ordens para acolher-nos e técnicas de realização espiritual equivalentes às de outras Tradições, porém mais adaptadas ao nosso temperamento ocidental.

Finalmente, a base de dita Ordem é a de transmitir um ensinamento equilibrado em função do avanço espiritual dos Irmãos, a fim de propiciar a destruição das más estruturas e sua posterior reconstrução até adquirir a bela forma que lhes permita tornarem-se colunas no Templo de Deus. Demolição – Reconstrução - Solve – Coagula, logo, técnicas de meditação ativa e passiva – ascese, domínio da respiração e oração interior. Isso é o que pode oferecer a Ordem Martinista Russa, Rito de Novikoff de nossos dias: talvez uma esperança para aqueles que buscam fora o que têm em sua própria Tradição. Digamos também que essa Ordem tenta fazer descer sobre eles um influxo espiritual que os faça livres em relação ao mundo e os impulsione e ancore no Mundo Espiritual. Para parafrasear Nietzsche – me dizia meu interlocutor – não queremos fazer “bibliotecários míopes que não saibam fazer outra coisa além de comentar as ações daqueles que são livres e inspirados”.

Depois, o Filósofo Desconhecido pôs fim a esta entrevista, com o conselho de Saint-Martin: “Roguemos, adoremos, mostremos com o exemplo e calemo-nos”.

#### IV - Conclusões

Não nos confundamos, pois Pasqually, Willemoz e Saint-Martin estavam estreitamente ligados. Na Ordem dos Elus-Cohens, primeiramente.

O que eles nos transmitiram, através do Rito Escocês Retificado e o Martinismo, é a alta iniciação da qual Pasqually foi depositário. E, com toda segurança, essa transmissão teve

graus diferentes.

Ainda que o Rito Escocês Retificado pareça não possuir uma verdadeira Teurgia, nem técnica espiritual precisa (ainda que tudo esteja indicado para aquele que realmente sabe ver e entender), compreende, sem dúvida, todas as premissas da Doutrina, infelizmente por vezes demais esquecida por nossos contemporâneos, que somente enxergam na prática maçônica uma reunião fraternal e não buscam compreender o mínimo do esoterismo judaico-cristão, rebuscando inclusive em outras Tradições, à margem daquela que por natureza é a sua, e que eles têm ao alcance do Espírito. A Unidade, apenas pode encontrar-se nas associações; ela se encontra em nossa junção individual com Deus (L..C.de Saint-Martin).

A riqueza do verdadeiro Martinismo como a da nossa Maçonaria Retificada é imensa, mas é preciso abrir-se ao Espírito, já que, da mesma maneira que conhecer a fundo a história da Igreja e a liturgia de São Pio V não é suficiente para fazer-se cristão, igualmente conhecer a fundo a história da maçonaria, contentando-se em fazer uma ritualística gestual precisa sobre o tapete, não basta para fazer um bom maçom nem para fazer fluir essas influências espirituais que viemos buscar no dia que batemos à porta de nossas Lojas.

Terminarei com esta citação de Franz Von Baader, pág. 16: “O desprezo grosseiro e revolucionário que um povo ou um homem experimenta sobre uma instituição política qualquer que já não entende (com mais razão quando se trate de uma instituição iniciática), é algo muito fácil, já que toma forças de sua vacuidade interna de idéias e dessa absoluta impotência por elevar-se de novo até ela (*vivacidade da queda* – Falstaff) para a libertação que o elevaria mais além dela”.

Que aqueles que negam toda espiritualidade e todo esoterismo à Maçonaria, meditem estas palavras: **Eques ab Orientis Luce**

## O Defeito da Acídia na Análise de São Tomás de Aquino

### Preguiça ou acídia?

Se compararmos a doutrina dos sete defeitos capitais à dos dez mandamentos, verificaremos que aquela, ao contrário desta, não tem, ao longo da história, a fixidez em seu número e conteúdo: os defeitos capitais, em sua origem, eram oito e, de acordo com cada autor, a lista pode variar ligeiramente em um ou outro elemento.

O atual *Catecismo da Igreja Católica* apresenta como defeitos ou vícios capitais: soberba, avareza, inveja, ira, impureza, gula e preguiça ou acídia. É bastante sugestiva, e mesmo intrigante, esta ambigüidade em relação ao sétimo defeito familiar a todos, preguiça ou a ilustre desconhecida, acídia...? Por que o *Catecismo* hesita entre preguiça ou acídia? Ou será que as toma como palavras sinônimas ou equivalentes?

Na verdade, parece que o *Catecismo* não quer, por um lado, propor como defeito capital um defeito - a acídia - do qual nunca ninguém ouviu falar; e, por outro, talvez tenha vergonha de alçar sem mais a, relativamente inofensiva, preguiça ao elevado posto de defeito capital. A acídia é coisa séria, como se vê se anteciparmos desde já uma primeira aproximação da definição de acídia: a tristeza pelo bem espiritual; acidez, queimadura interior do homem que recusa os bens do espírito.

Desde sempre e, durante muitos séculos, essa tristeza foi considerada defeito capital. Modernamente, porém, e não por acaso, houve um esquecimento da acídia e sua subs-

tituição pela preguiça. Um autor tão autorizado como Pieper faz notar que não há conceito ético mais desvirtuado, mais notoriamente aburguesado na consciência cristã, do que o de acídia. E numa formulação forte, acrescenta: "O fato de que a preguiça esteja entre os defeitos capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, esta idéia é não só uma banalização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão".

### Os Defeitos Capitais

Na enumeração primitiva de São Gregório Magno os defeitos capitais são: *inanis gloria, inuidia, ira, tristitia, avaritia, uentris ingluies, luxuria*.

Enquanto os dez mandamentos estão enunciados na Bíblia, a doutrina dos defeitos capitais é uma elaboração de pensamento, que é fruto, como diz o novo *Catecismo da Igreja Católica*, da "experiência cristã". Esta experiência é originariamente a dos padres do deserto, que, na

radicalidade de sua proposta, foram realizando uma tomografia da alma humana e descobrindo, em suas profundezas, as possibilidades para o bem e para o mal.

Como num *rally* ou num *enduro*, em que as condições da máquina são exigidas em condições extremas, o monaquismo originário buscava testar os limites antropológicos, no corpo e no espírito (os limites do jejum, da vigília, da oração etc.). Nesse quadro, surgiu a doutrina dos defeitos capitais, que - como





tantas outras descobertas dos antigos hoje esquecidas ou esvaziadas - bem poderia ajudar ao homem contemporâneo a orientar-se moral e existencialmente.

As primeiras tentativas de organizar essa experiência remontam a autores antigos como Evágrio Pôntico, João Cassiano e Gregório Magno, mas, somente séculos depois, encontramos uma brilhante consolidação em Sto. Tomás de Aquino (séc. XIII), que repensa - de modo amplo e sistemático - a antropologia subjacente aos vícios capitais.

Se o filosofar do Aquinate é sempre voltado para a experiência e para o fenômeno, mais do que em qualquer outro campo é quando ele trata dos vícios que seu pensamento mergulha no concreto, pois, citando o sábio Dionísio, "*malum autem contingit ex singularibus defectis*" - para conhecer o mal é necessário voltar-se para o fenômeno, para os modos concretos em que ele ocorre. Assim, é frequente encontrarmos nas discussões de São Tomás sobre os vícios - para além da aparente estruturação escolástica - expressões de um forte empirismo como: "*Contingit autem ut in pluribus...*", que remete ao que realmente acontece na maioria dos casos...

Também para essa experiência e para essa concretude é que se voltam os trabalhos pioneiros de João Cassiano e de Gregório. Cassiano - é o homem que, em torno do ano 400, percorreu por longos anos os desertos do Oriente para recolher - em "reportagens" e entrevistas - as experiências radicais vividas pelos primeiros monges; também o papa Gregório (acertadamente cognominado *Magno*), cuja morte em 604 marca o fim do período patrístico, e não por acaso é um dos maiores gênios da pastoral de todos os tempos. E quem diz pastoral, diz experiência...

É interessante notar que precisamente com relação ao tema que nos interessa - a acídia - é que Cassiano, em entrevista com o abade Serapião, ressalta a força da experiência: "A tristeza e a acídia - ao contrário dos outros

vícios de que falamos anteriormente - não costumam originar-se por uma motivação exterior. É sabido que com frequência afligem amarissimamente os solitários que vivem no ermo, longe do convívio dos homens. Isto é verdadeiríssimo e quem quer que tenha vivido nesta solidão e tem experiência dos combates do homem interior, facilmente o comprova nessas mesmas experiências".

Os vícios capitais na enumeração de São Tomás são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia. Um outro aspecto interessante está ligado ao próprio significado de vício *capital*. S. Tomás ensina que recebem este nome por derivar-se de *caput*: cabeça, líder, chefe (em italiano ainda hoje há a derivação: *capo*, *capo-Máfia*); sete poderosos chefões que comandam, que produzem outros vícios subordinados. Neste sentido, os vícios capitais são sete vícios especiais, que gozam de uma especial "liderança". O vício é uma restrição à autêntica liberdade e um condicionamento para agir mal.

### **A Palavra Acídia na Obra de São Tomás**

São Tomás de Aquino emprega 233 vezes a palavra acídia; em 134 passagens de sua vasta obra. Em 6 passagens encontramos também a forma verbal *acedieris*, neste caso, sempre citando Eclesiástico 6, 25 "Curva teu ombro e carrega-a (a Sabedoria) e não 'acidies' em relação a suas cadeias".

Dessas 134 passagens, a grande maioria - 88 - reside nos dois momentos em que a acídia é tematicamente enfocada por Sto. Tomás: II-II q. 35 e *De malo* q. 11. De resto, encontramos 9 passagens nos *Comentários às Sentenças*; 24 em outras questões da *Suma Teológica*, 3 no *De Veritate*; 5 em outras questões do *De Malo*; 1 no *In Job*; 2 na *Catena Aurea in Lucam*; 1 no *Super I ad Cor. I*; 1 no *In Ps.* e 1 no *Ad Titum*.

## **A Acídia como Tristeza.**

### **Acídia ou Preguiça?**

A gravidade da acídia já se nota na primeira aproximação do complexo conceito de acídia: a acídia é uma tristeza. E a tristeza não só é já em si mesma um mal, mas fonte de outros males. Daí que para explicar que a acídia pode ser vício capital, São Tomás argumenta: “Como já dissemos, vício capital é aquele do qual naturalmente procedem - a título de finalidade - outros vícios. E assim como os homens fazem muitas coisas por causa do prazer - para obtê-lo ou movidos pelo impulso do prazer - assim também fazem muitas coisas por causa da tristeza: para evitá-la ou arrastados pelo peso da tristeza. E esse tipo de tristeza, a acídia, é convenientemente situado como vício capital (II-II q. 35, a.4)”.

A acídia, como defeito capital, é a mesma e única base de duas atitudes contrárias: uma que leva à ação, ou melhor, a um ativismo (como veremos ao examinar as "filhas da acídia) e, por outro lado, a uma inação - e este é o momento - secundário, derivado - em que acídia e preguiça se ligam, embora sejam muitos mais importantes - sobretudo para a análise do homem contemporâneo - as filhas da acídia ligadas ao ativismo.

Se a tristeza da acídia pode levar à inação, leva também a uma inquietude, a uma ação desenfreada.

## **Acídia, Depressão & Cia.**

### **Alma e Corpo**

Ao caracterizar a acídia como uma tristeza (e, para Gregório, a própria tristeza era o defeito capital), abrem-se inúmeras dimensões antropológicas, com interfaces nem sempre claras e a questão adquire uma imensa complexidade: a tristeza pode (ou não) ser

defeito, doença, estado de ânimo, atitude existencial..., ou combinações desses fatores. Só com enunciar essas dimensões, já se mostra imediatamente a extrema atualidade deste tema. Por exemplo, Andrew Solomon, autor de um dos mais importantes livros sobre a "doença de nosso tempo", a depressão, incluiu a velha acídia no próprio título de sua obra: "*O demônio do meio-dia - uma anatomia da depressão*". O "demônio do meio-dia" é o da acídia.

Nesse sentido, comparemos as afirmações de Solomon com o que realmente diz São Tomás, precisamente em relação ao nosso tema, a tristeza, os remédios para a tristeza, que reside na alma. Sto. Tomás enfrenta esta questão na *Suma Teológica* I-II 38 e no artigo 5 chega a recomendar banho e sono como remédios contra a tristeza! Pois, diz o Aquinate, tudo aquilo que reconduz a natureza corporal a seu devido estado, tudo aquilo que causa prazer é remédio contra a tristeza. Sto. Tomás destrói assim a objeção "espiritualista":

De resto, para os remédios contra a tristeza, São Tomás não fala de Deus nem de Satã, mas sim recomenda: qualquer tipo de prazer, as lágrimas, a solidariedade dos amigos, a contemplação da verdade, banho e sono. E ainda sobre a interação alma-corpo, Sto. Tomás afirma em I-II, 37, 4: A tristeza é, entre todas as paixões da alma, a que mais causa dano ao corpo [...] E como a alma move naturalmente o corpo, uma mudança espiritual na alma é naturalmente causa de mudanças no corpo.

Quanto à melancolia, São Tomás está longe de considerá-la uma exclusividade da "alma": Os melancólicos desejam com veemência os prazeres para expulsar a tristeza, porque o *corpo* deles se sente como que corroído pelo humor mau, como diz o Filósofo. Os melancólicos têm os *corpos* sempre incomodados pela má compleição...

## **A Acídia, Tristeza em Relação aos Bens Interiores**

Vamos examinar agora a caracterização que São Tomás faz da acídia, tristeza que é vício capital. Nada impede, porém, que alguns dos "sintomas" da acídia possam também surgir em casos de mera doença, sem alcance moral. E, reciprocamente, o diálogo com Sto. Tomás pode ser interessante para o estudioso de hoje, precisamente porque aponta para esse aspecto moral, tão esquecido.

Começemos pela caracterização geral da acídia, que Sto. Tomás faz no *De Malo*, a acídia é o tédio ou tristeza em relação aos bens interiores, ao bem espiritual divino em nós.

A acídia - como João Damasceno deixou claro (*De fide* II, 14) - é uma certa tristeza, daí que Gregório (*Mor.* 31, 45) por vezes empregue a palavra "tristeza" em lugar de "acídia". Ora, o objeto da tristeza é o mal presente, como diz João Damasceno (*De fide* II, 12). Assim como há um duplo bem - um que é verdadeiramente bem e outro que é um bem aparente, pelo fato de que é bom só segundo um determinado aspecto (pois só é verdadeiramente bem o que é bom independentemente deste ou daquele determinado aspecto particular) -, há também um duplo mal: o que é verdadeira e simplesmente mal e o mal relativo a um certo aspecto, mas que - para além desse particular aspecto - é, pura e simplesmente, bom.

Portanto, como são louváveis o amor, o desejo e o prazer referentes a um bem verdadeiro, e reprováveis, se referentes a um bem aparente, que não é verdadeiramente bem;



assim também o ódio, o fastidio e a tristeza em relação ao mal verdadeiro são louváveis, mas em relação ao mal aparente (mas que em si mesmo é bom) são reprováveis e constituem defeito. Ora, a acídia é o tédio ou tristeza em relação aos bens interiores e aos bens do espírito, como diz Agostinho a propósito do Salmo (104, 18): "Para a sua alma, todo alimento é repugnante". E sendo os bens interiores e espirituais verdadeiros bens e só aparentemente podem ser considerados males (na medida em que contrariam os desejos carnis) é evidente que a acídia tem por si caráter de defeito. (*De Malo*, questão II - A acídia. Artigo I - "Se a acídia é defeito")

### **Passagens Complementares**

Alguns aspectos complementares, mais ou menos importantes - extraídos de observações esparsas na obra de São Tomás, podem nos ajudar na compreensão deste defeito capital.

A acídia é uma possibilidade exclusiva do homem: o defeito dos anjos não pode ter sido o de acídia, porque o anjo não pode ter tédio em relação aos bens espirituais.

Em sua dimensão que produz inação, a acídia caracteriza-se pela veemência da tristeza, que imobiliza o homem, retardando a ação, daí que S. João Damasceno afirme ser uma tristeza agravante, pesada, isto é, paralisadora. Há dois vícios capitais que são tristezas: acídia e inveja. A acídia é a tristeza pelo próprio bem espiritual; a inveja, pelo bem alheio.

A acídia - tal como os outros defeitos capitais - gera outros defeitos, mas isto não quer dizer que os defeitos não possam ter, por vezes, outras causas. Pode-se dizer, no en-

tanto, que todos os defeitos que provêm da ignorância, podem recair na acídia, à qual pertence a negligência, pela qual se recusa a aquisição dos bens espirituais.

São Tomás, ao comentar que alguns autores estabelecem uma correspondência entre os sete dons do Espírito Santo e os sete defeitos capitais, indica que o oposto da acídia seria o dom da fortaleza (In III Sent. d. 34, q. 1, a.2, c), o esforço por não se deixar dominar por essa acidez da alma.

Na ligação entre acídia e desespero, São Tomás faz uma observação psicológica: chega-se à situação de considerar que o bem árduo seja impossível de alcançar por si ou por outro, por meio de um profundo abatimento, que, quando chega a dominar o afeto do homem, parece-lhe que nunca mais poderá empreender algo de bom. E como a acídia é uma tristeza que abate o espírito, a acídia gera o desespero. Ora, a esperança tem por objeto *próprio* aquilo que é possível, pois o bem e o árduo, dizem respeito também a outras paixões. Daí que o desespero nasça especialmente da acídia. E à objeção de que o desespero provém da negligência, Sto. Tomás responde que a própria negligência decorre da acídia. E observa que o homem triste não pensa em coisas grandes e belas, mas só em coisas tristes, a menos que por um grande esforço - lembremos que a acídia se opõe à fortaleza - afaste-se das coisas tristes.

### **A Acídia Tematicamente Tratada em II-II, 35 (e em De Malo, I I)**

Tanto a *Suma Teológica* (II-II, 35) como o *De Malo* (q. 11), há uma questão sobre a acídia, nos dois casos a argumentação é muito semelhante e inclusive essas questões estão divididas nos mesmos quatro artigos: a acídia como defeito, a acídia como vício especial, como defeito mortal e como vício capital. Neste tópico, tomaremos como base a *Summa*, complementando com o *De Malo*, quan-

do for o caso.

#### **Artigo I, se a acídia é defeito.**

#### **A dificuldade de ter iniciativas**

A primeira objeção é a de que sendo a tristeza uma paixão, não é boa nem má. Em sua resposta, Sto. Tomás reafirma que a tristeza pelo bem, a acídia, e a tristeza demasiada pelo mal é que são más.

A segunda objeção é a de que não pode haver defeito que se deva à fraqueza corporal, defeito com hora marcada (a tentação do meio-dia). Sto. Tomás responde dizendo que "a culpa" do assédio da acídia ao meio-dia é do jejum dos monges, pois toda fraqueza corporal predispõe à tristeza, mais aguda nessa hora, pela fome e pelo calor. Sto. Tomás é tão "materialista", que nas questões de *Quodlibet*, tratando do jejum, dirá que o jejum é sem dúvida defeito (*absque dubio peccat*), quando debilita a natureza a ponto de impedir as ações devidas: que o pregador pregue, que o professor ensine, que o cantor cante..., que o marido tenha potência sexual para atender sua esposa! Quem assim se abstém de comer ou de dormir, oferece a Deus um holocausto, fruto de um roubo.

Uma outra observação interessante no corpo do artigo I da *Suma* é a de que o peso da tristeza da acídia de tal modo deprime o ânimo do homem, que nada do que ele faz o agrada; tal como as coisas ácidas, que são frias. Daí o tédio e a enorme dificuldade de começar qualquer ação e a caracterização da acídia como "torpor da mente em começar um ato bom". Tanto para a acídia como para a depressão, essa dificuldade para empreender, para começar, essa falta de "iniciativa" (não por acaso "iniciativa" vem de "iniciar", pois manifesta-se - bem o sabem os que passaram por depressão - até no ato de iniciar o dia, o banho. Ou, vejamos então o depoimento do livro de Solomon:

Lembro de estar deitado na cama, imobilizado, chorando por estar assustado demais para tomar banho, e ao mesmo tempo sabendo que chuveiros não são assustadores. Eu continuava dando os passos, um por um, na minha mente; você gira e põe os pés no chão; fica em pé; anda até o banheiro; abre a porta do banheiro; vai até a borda da banheira; abre a água; entra embaixo dela; passa sabonete; enxágua-se; sai da banheira; enxuga-se; volta para a cama. Doze passos, que me pareceram tão onerosos como as estações da via-crucis. Mas eu sabia, logicamente, que os banhos eram muito fáceis de tomar, que durante anos eu havia tomado uma ducha *todos os dias* e que o fizera tão rapidamente e tão prosaicamente que isso sequer era digno de um comentário. Etc. etc.

### **No artigo 2, São Tomás discute se a acídia é vício especial**

Trata-se de trazer à tona a especificidade da acídia, pois todo qualquer vício se opõe ao bem espiritual. Distinguindo-a também da fuga do bem espiritual por considerá-lo trabalhoso, molesto ao corpo ou impeditivo dos prazeres corporais. A acídia se entristece do bem divino, que se alegra na caridade.

### **O artigo 3 discute se a acídia é defeito mortal e a atitude oposta**

A primeira objeção é interessantíssima: se a acídia fosse defeito mortal, chocaria de frente com algum mandamento da lei de Deus; mas percorrendo, um por um, os dez mandamentos vê-se que a acídia não se opõe a nenhum deles e, portanto não é defeito mortal. A resposta de Sto. Tomás - sugestivamente, sem maiores explicações - é que a acídia se opõe ao mandamento de guardar o sábado, que prescreve o repouso da mente em Deus.

Como é possível identificar preguiça e acídia, se esta opõe-se ao mandamento do repou-

so?!

Observemos mais de perto a formulação de Sto. Tomás: "...praecipitur **quies mentis** in Deo, cui contrariatur tristitia mentis de bono divino"

Neste sentido, é interessante observar que, para Sto. Tomás, essa *quies mentis* é a atitude de festa da alma, instalada na *skholé* (no sentido aristotélico) e fruindo da contemplação. Ao falar da vida contemplativa e de sua superioridade, a superioridade de Maria em relação a Marta, diz:

4. In vita contemplativa est homo magis sibi sufficiens, quia paucioribus ad eam indiget. unde dicitur Luc. X, "Martha, Martha, sollicita es et turbaris erga plurima. (...)

6 Vita contemplativa consistit in quadam vacatione et quiete, secundum illud Psalmi, "Vacate, et videte quoniam ego sum Deus". (II-II 182, 1)

E explicando o sentido da fala de Cristo "vinde e vede" (Jo I, 39), de como se chega ao conhecimento de Deus, Sto. Tomás diz: Per mentis quietem, seu vacationem; Ps. XLV, 11: 'Vacate, et videte'. (Super Ev. Io. cp I lc 15)

Esse salmo "vacate, et videte quoniam ego sum Deus" (*skholasate* na versão dos Setenta!) é citado dezenas de vezes por Sto. Tomás: como atitude típica do terceiro mandamento (In III Sent. d. 37 q. 1 a. 2bco; I-II, 100, 3 ad 2 etc.), o avesso da acídia. Não se trata somente de ausência de perturbações exteriores, mas também das interiores (II-II 181, 4 ad 1).

Ainda nesse artigo, a terceira objeção é também sugestiva: se a acídia - como diz Cassiano - é experimentada principalmente pelos varões perfeitos, pelos ascetas, então como pode ser defeito? Sto. Tomás responde dizendo que os santos estão sujeitos aos "sintomas" da acídia, não que consintam com

essa tentação de repugnância pelos bens do espírito.

#### Artigo 4: as filhas da acídia

O artigo 4 é muito importante. Nele encontramos os desdobramentos da acídia, particularmente importantes para o homem de hoje:

Gregório (*Mor.* XXXI, 45) acertadamente indica as filhas da acídia. De fato, como diz o Filósofo (*Eth.* 7, 5-6, 1158 a 23): "ninguém pode permanecer por muito tempo em tristeza, sem prazer", e daí se seguem dois fatos: o homem é levado a afastar-se daquilo que o entristece e a buscar o que lhe agrada e aqueles que não conseguem encontrar as alegrias do espírito instalam-se nas do corpo (*Eth.* 10, 9, 1176 b 19). Assim, quando um homem foge da tristeza opera-se o seguinte processo: primeiro foge do que o entristece e, depois, chega a empreender uma luta contra o que gera a tristeza. Ora, no caso da acídia, em que se trata de bens espirituais, esses bens são fins e meios. A fuga do fim se dá pelo **desespero**. Já a fuga dos bens que conduzem ao fim dá-se pela **pusilanimidade**, que diz respeito aos bens árduos e que requerem deliberação, e pelo **torpor** em relação aos preceitos, no que se refere à lei comum. Por sua vez, a luta contra os bens do espírito que, pela acídia, entristecem, é **rancor**, no sentido de indignação, quando se refere aos homens que nos encaminham a eles; é **malícia**, quando se estende aos próprios bens espirituais, que a acídia leva a detestar. E quando, movido pela tristeza, um homem abandona o espírito e se instala nos prazeres exteriores, temos a **divagação da mente** pelo ilícito (...).

Já a classificação de Isidoro dos efeitos da acídia e da tristeza recai na de Gregório. Assim, a *amargura*, que Isidoro situa como proveniente da tristeza, é um certo efeito do *rancor*; a *ociosidade* e a *sonolência* reduzem-se ao torpor em relação aos preceitos: o ocioso os abandona e o sonolento os cumpre de

modo negligente. Os outros cinco casos recaem na *divagação da mente*: é *importunitas mentis*, quando se refere ao abandono da torre do espírito para derramar-se no variado; no que diz respeito ao conhecimento, é *curiositas*; ao falar, *verbositas*; ao corpo, que não permanece num mesmo lugar, *inquietudo corporis* (é o caso em que os movimentos desordenados dos membros indicam a dispersão do espírito); ao perambular por diversos lugares, *instabilitas*, que também pode ser entendida como instabilidade de propósitos.

A primeira das filhas da acídia é o desespero. Este ponto foi especialmente analisado por Pieper (a quem sigo de perto neste parágrafo), que liga diretamente o desespero à outra filha da acídia: a pusilanimidade: paralisado pela vertigem, pelo medo das alturas espirituais e existenciais a que Deus o chama, a acídia não encontra ânimo nem vontade de ser tão grande como realmente está chamado a ser; abdica do "torna-te o que és", a famosa sentença com que Píndaro resume toda ética, que, como a de Sto. Tomás, está centrada no ser. Quando passamos ao plano da graça, a acídia é uma "*tristitia de bono spirituali in quantum est bonum divinum*" (II-II 35, 3), um aborrecer-se de que Deus o tenha elevado ao plano da filiação divina, à participação em sua própria vida íntima.

Queimado por essa tristeza - existencialmente suicida - e movido pela queimadura de sua acidez, surge a *evagatio mentis*, a dispersão de quem renunciou a seu centro interior e, portanto, entrega-se à *importunitas*: abandonar a torre do espírito, para derramar-se no variado, buscando afogar a sede na água salgada das compensações e prazeres de uma atividade desenfreada: num falatório inócuo, o agitar-se, o mover-se, a incapacidade de concentrar-se em um propósito e a um afã desordenado de sensações e de conhecimento.

Desta maneira, mesmo uma descrição breve das filhas da acídia, torna evidente seus perigos: o desenraizamento, a abdicação do pro-

cesso de auto-realização profunda do eu, que passa a espalhar-se no variado etc.

Se já Pascal, em um dos Pensamentos (136/139), afirma que toda a infelicidade do homem procede de uma única coisa: ele não poder estar a sós consigo mesmo em um quarto, hoje, mais do que nunca, essas possibilidades de dispersão estão disponíveis e encontram-se - potenciadas ao máximo - por

toda parte. Doença, defeito ou um misto de falta moral e enfermidade, o fato é que a tristeza é uma poderosa força destruidora, convidando a (ou impondo) diversas compulsões: das drogas ao jogo, do consumismo ao workaholism, etc. Por trás de tudo isto, não haverá um componente daquela desperatio, daquela curiositas, daquela evagatio mentis, daquela instabilitas?

## O Mito de Perseu e Medusa

### Medusa

Medusa era uma belíssima ninfa, e por causa de seus belos cabelos ela tinha muitos pretendentes. Até Zeus se apaixonou por ela. Disfarçado de pássaro, ele a levou ao Templo de Atena (Minerva). Medusa, arrogante e soberba, ousou dizer que a sua beleza era maior do que a da própria Atena. Esta, ofendida, transformou seus belos cabelos em serpentes e seu olhar em energia petrificante. A Medusa é um monstro ou "tornaram-na um monstro" por desafiar a deusa da Sabedoria. É digno de nota que Atena nasceu da cabeça de Zeus, é uma deusa de muitos atributos: a ela foi conferido o bom senso, a justiça, a filosofia; é uma deusa justa e também protetora.

"Górgona" traduzindo, significa "terrível, apavorante". "Medusa" quer dizer "sabedoria soberana feminina". Em sânscrito é Medha, em grego Metis, em egípcio Met ou Maat. Medusa era originalmente um aspecto da deusa Atenas da Líbia, onde ela era a Deusa-Serpente das amazonas Líbias. Em suas imagens, seus cabelos às vezes parecem cachos, indicando sua origem africana. Lá ela tinha uma face encoberta, perigosa. Está inscrito que ninguém seria capaz de levantar seu véu, e que quem olhasse para sua face enxergaria sua própria morte, enquanto ela via seu futuro. Diz-se que a Deusa Medusa representa a sabedoria soberana feminina, todas as forças

da Grande Deusa primordial: Os Ciclos do Tempo como passado, presente e futuro. Os Ciclos da Natureza como vida, morte e renascimento. Ela é a Criatividade e Destruição universais em eterna Transformação. Ela é a Guardiã dos Limiares e a Mediadora entre os reinos do céu, da terra e do mundo subterrâneo. Ela é a Senhora das Bestas. Energias Latente e Ativa. Ela destrói para recriar o equilíbrio. Ela purifica e é a verdade última da realidade, a completude além da dualidade. Ela rasga as ilusões mortais. Sabedoria proibida mas libertadora. As forças indomáveis da natureza.

Como uma mulher jovem e bonita ela é a fertilidade e a vida. Como uma velha encarquilhada ela consome tudo, devorando o que há sobre o plano terrestre. Através da morte devemos retornar à fonte, ao abismo da transformação, o reino do eterno. Devemos ceder frente a ela e seus termos de mortalidade. A Medusa encarnaria o principal impulso humano, espiritual e evolutivo, que, pervertido em estagnação, impede a justa harmonia dos desejos. Quem olha a Medusa se petrifica, por ser ela o reflexo da imagem da culpa do espectador, o reconhecimento íntimo da falta.

### Perseu

De acordo com o estudioso alexandrino Apolodoro, Perseu, o lendário fundador de

Micenas, nunca teria nascido se seu avô tivesse conseguido seu intento. Acrísio, rei de Argos, era pai de uma linda filha, Dânae, mas estava desapontado por não ter um filho. Quando consultou o oráculo sobre a ausência de um herdeiro homem, recebeu a informação que não geraria um filho, mas com o passar do tempo teria um neto, cujo destino era matar o avô. Acrísio tomou medidas extremas para fugir deste destino. Trancou Dânae no topo de uma torre de bronze, que lá permaneceu numa total reclusão até o dia em que foi visitada por Zeus na forma de uma chuva de ouro; assim deu à luz a Perseu.

Acrísio ficou furioso, mas ainda achava que seu destino poderia ser evitado. Fez seu carpinteiro construir uma grande arca, dentro da qual Dânae foi forçada a entrar com seu bebê, sendo levados para o mar. Conseguiram sobreviver às ondas, e após uma cansativa jornada a arca foi jogada nas praias de Sérifo, uma das ilhas das Cíclades. Dânae e Perseu foram encontrados e cuidados por um honesto pescador, Dicitis, irmão do rei de Sérifo, Polidectes.

Com o passar do tempo, Polidectes apaixonou-se por Dânae, mas enquanto crescia Perseu protegeu ciumentamente sua mãe dos indesejados avanços do rei. Um dia, durante um banquete, Polidectes perguntou a seus convidados que presente cada um estava preparado a oferecer-lhe. Todos os outros prometeram cavalos, mas Perseu ofereceu-se para trazer-lhe a cabeça da górgona Medusa. Quando Polidectes aceitou, Perseu foi forçado a honrar sua oferta.

As górgonas eram em número de três, monstruosas criaturas aladas com cabelos de serpentes; duas eram imortais mas a terceira, Medusa, era mortal e assim potencialmente

vulnerável; a dificuldade era que qualquer um que a olhasse se transformaria em pedra. Felizmente, Hermes veio em sua ajuda, e indicou a Perseu o caminho das Gréias, três velhas irmãs que compartilhavam um olho e um dente entre si. Instruído por Hermes, Perseu conseguiu se apoderar do olho e do dente, recusando-se a devolvê-los até que as Gréias mostrassem o caminho até as Ninfas, que lhe forneceriam os equipamentos que necessitava para lidar com Medusa.

As Ninfas prestimosamente forneceram uma capa de escuridão que permitiria a Perseu pegar a Medusa de surpresa, botas aladas para facilitar sua fuga e uma bolsa especial para colocar a cabeça imediatamente após tê-la decapitado. Hermes lhe deu uma faca em forma de foice, e assim Perseu seguiu completamente equipado para encontrar Medusa. Com a ajuda de Atena, que segurou um espelho de bronze no qual podia ver a imagem da górgona refletida, ao invés de olhar diretamente para sua terrível face, conseguiu finalmente decapitar-lhe a terrível cabeça. Acomodando a cabeça de modo seguro na sua bolsa, retornou rapidamente a Sérifo, auxiliado por suas botas aladas.

Ao sobrevoar a costa da Etiópia, Perseu viu abaixo uma linda princesa atada numa rocha. Era Andrômeda, cuja fútil mãe Cassiopéia tinha incorrido na ira de Poseidon ao espalhar que era mais bonita do que as filhas do deus do mar. Para puni-la, Poseidon enviou um monstro marinho para devastar o reino; que só poderia ser detido se recebesse como oferenda a filha da rainha, Andrômeda, que foi assim colocada na orla marítima para esperar o terrível destino. Perseu apaixonou-se imediatamente, matou o monstro marinho e libertou a princesa.





Os pais dela, em júbilo, ofereceram Andrômeda como esposa a Perseu, e os dois seguiram na jornada para Sérifo. Perseu deu então a cabeça a Atena, que a fixou como um emblema no centro de seu protetor peitoral. Perseu, Dânae e Andrômeda seguiram então juntos para Argos, onde esperavam se reconciliar com o velho rei Acrísio. Mas quando Acrísio soube desta vinda, fugiu da presença ameaçadora de seu neto, indo para a Tessália, onde, não conhecendo um ao outro, Acrísio e Perseu acabaram se encontrando nos jogos fúnebres do rei de Larissa. Aqui a previsão do oráculo que Acrísio temia se realizou, pois Perseu atirou um disco, o qual se desviou do curso e atingiu Acrísio enquanto estava entre os espectadores, matando-o instantaneamente.

Finalmente Perseu chegou à ilha de Seriphus, após tantas aventuras. Quando entrou na casa onde morava encontrou-a vazia e correu à praia para procurar o pescador Dictis. Este lhe informou que o seu irmão, não tendo obtido sucesso em convencer Dânae a desposá-lo, obrigou-a a ser sua camareira. Perseu ficou furioso.

Deixou Andrômeda e Dictis na praia e rumou para o castelo do rei. Entrou no palácio por uma das janelas e posou bem em frente ao trono de Polydectes. "Muito bem, Polydectes", disse o herói, "trago comigo o que prometi a você, mesmo havendo arriscado minha vida. Acho porém que você não me acredita, e deseja ver para ter a prova". Enfiou a mão em sua sacola e segurou a cabeça da Medusa. "Os que são meus amigos que fechem os olhos!", gritou. Polydectes não deu ouvidos ao seu aviso e olhou diretamente para a cabeça da Medusa quando esta foi tirada da sacola. Ele e todos os seus cortesãos foram transformados em estátuas. Perseu decidiu que não seria muito popular voltar a Argos e reivindicar o trono de Acrísio logo após tê-lo morto; assim, ao invés, fez uma troca de reinos com seu primo Megapentes. Megapentes se dirigiu a Argos enquanto Perseu governou Tirinto, onde é con-

siderado como responsável pelas fortificações de Midéia e Micenas. Ele e Andrômeda tiveram uma descendência muito gloriosa. Perseu era o avô de Herácles, que se tornou um dos maiores heróis da antigüidade. Tanto ele quanto sua amada Andrômeda foram levados ao céu por Zeus e transformados em constelações.

### **O Mito Interpretado**

A Medusa, terrível ser mitológico, é considerada pelos gregos uma das divindades primordiais pertencente à geração pré-olímpica. Só depois é tida como vítima da vingança de uma deusa. Uma das três górgonas, é a única mortal. Três irmãs monstruosas que possuíam cabeça com cabelos em forma de serpentes venenosas, presas de javali e asas de ouro. Seu olhar transformava em pedra aqueles que as fitavam. Como suas outras irmãs, Medusa representava as perversões. Euriale simbolizava o instinto sexual pervertido; Éstano, a perversão social; e finalmente a Medusa que, espiritualmente falando, representa o impulso evolutivo - a vontade de crescer e evoluir - estagnado.

Medusa também é o símbolo da mulher rejeitada e, por sua rejeição, tornou-se incapaz de amar e ser amada, odiando os homens, pelo fato de ter deixado de ser mulher bela, para se transformar em monstro, por culpa de um deus e de uma deusa. Seus filhos não são humanos nem deuses. Górgona apavorante e terrível. O mito de Medusa tem várias versões, mas os pontos principais refletem estas características acima.

Assim como Midas, ela não pode facilitar a proximidade: um transformava tudo em ouro em apenas um toque; ela é ainda mais solitária e trágica, não podendo sequer olhar, pois tudo o que olha vira pedra. Medusa tira a vida e todo o movimento com um simples olhar. Também não pode ser vista de frente, não se pode ter idéia de como ela é sem ficar paralisado.

Diz o mito que Medusa fora, outrora, uma belíssima donzela, orgulhosa de sua beleza, principalmente de seus cabelos, e, por isto, resolveu disputar o amor de Zeus com Minerva. Esta, enraivecida, transformou-a em um monstro, com cabelos de serpente. Outra versão diz que Zeus a teria seqüestrado e violado no interior do templo de Minerva, e esta, mesmo sabendo que Zeus a abandonara, não perdoou tal ofensa.

Medusa é morta por Perseu que também foi rejeitado, trancado numa arca, juntamente com sua mãe Danae, e atirado ao mar, de onde foi resgatado por um pescador que os levou ao Rei Polidectes, que o criou. Quando Perseu tornou-se homem, Polidectes enviou-o para a trágica missão de destruir Medusa. Para isto, receberia ajuda dos deuses. Usando sandálias aladas, pôde pairar sobre as terríveis górgonas que dormiam. Usando um escudo mágico de metal polido, refletiu a imagem de Medusa como num espelho, decapitando-a com a espada de Hermes. Do pescoço ensangüentado da Medusa, saíram dois seres que foram gerados da união com Poseidon, deus dos mares: o gigante Crisaor e o cavalo Pégaso. O sangue que escorreu da Medusa foi recolhido por Perseu. Da veia esquerda saía um poderoso veneno; da veia direita, um remédio suficientemente poderoso para ressuscitar os mortos. Paradoxalmente, trazia dentro de si o remédio da vida, mas preferiu utilizar, sempre, o veneno da morte.

Três irmãs, três monstros, a cabeça aureolada de serpentes venenosas, presas de javalis, mãos de bronze e asas de ouro: Medusa, Ésteno e Euríale. São símbolos do inimigo que todo homem precisa combater. As deformações da Psiqué, se devem às forças pervertidas dos três impulsos básicos: sociabilidade, sexualidade, espiritualidade. Quando nos confrontamos com a Medusa em nosso interior, num primeiro momento há um sofrimento imenso devido à dificuldade em perceber a própria imagem. Quem sou eu? A gran-

de pergunta para a qual toda a humanidade busca respostas.

Da morte da Medusa resultará a vida de Pégaso que, unido ao homem, é o Centauro, monstro identificado com os instintos animais. Mas também é fonte, como o seu nome simboliza "alado", da imaginação criadora sublimada e sua elevação. Temos em Pégaso dois sentidos: a fonte e as asas. Um dos símbolos da inspiração poética, representa a fecundidade e a criatividade espiritual. Pégaso talvez represente o lado belo da Medusa, o lado que ficou escondido e que não podia ser visto, pois, como vimos, ela representa o impulso espiritual estagnado. Pégaso seria, portanto, a espiritualidade em movimento.

Monstro que é percebido, mas que se nega a ser visto como realmente é, Medusa não olha, não acaricia, não orienta. Apenas paralisa. Não é por acaso que o sentimento de depressão caracteriza-se pela inércia, a perda e a ausência da vitalidade natural. Como se tivessem sido transformados em pedra pelo seu olhar, os "filhos" de Medusa erram pela vida sem espelhos que possam traduzir sua própria imagem. São monstros cuja criatividade, afogada na pedra de suas almas, precisa urgentemente ser libertada. Precisam encontrar um espelho que lhes diga quem são ou pelo menos quem não devem ser.

Ver Medusa, entrar em contato direto com o seu olhar, é petrificar-se. Sua pior inimiga, Minerva deusa da inteligência, por sua vez, deixa-lhe como legado o ódio às mulheres. Medusa, como ela é, incapaz de amar, cruel e terrível gorgóna, apavorante. Da morte dela resultará a vida de Pégaso que ganhará os céus, liberto, simbolizando a vitória da inteligência e sua união com a espiritualidade, recuperando a sensibilidade que sempre existiu, naquele que se julgava um verdadeiro monstro.

E Perseu é o único herói capaz de salvar a humanidade de virar pedra, que seria o seu destino inexorável ao encarar o olhar da Me-

dusa (o Medo). A dureza e o peso da pedra se contrapõem à leveza e a graça do herói, que para alcançar a cabeça do monstro e poder cortá-la, se vale de sandálias aladas, que assim lhe subtraem o peso. Essa era a ameaça que o monstro Medusa representava: transformar em pedra aquele que a encarava, como se endurecesse e perdesse a vida de aquele que encarasse o que de mais feio havia naquela sociedade. Para além da leveza também há a inteligência de Perseu, que leva consigo um espelho onde o monstro vai se mirar e assim perder a vida se tornando pedra também.

Perseu, filho de Danae, mãe amorosa que segue seu filho no destino que lhes foi dado pelo pai terrível que, por sua vez, ouviu de um mago que seria assassinado pelo neto. Trançados em uma arca e atirados ao mar, são salvos por Poseidon que os encaminha a uma praia tranqüila, onde são recolhidos por um pescador e levados ao rei Polidectis, que o educa amorosamente, assim como a um filho. Perseu é filho de mãe amorosa, que tudo perde para seguir o seu filho; mulher que, mesmo abandonada por um homem, não transforma tal abandono em ódio generalizado à masculinidade. Perseu também: seu abandono pelo avô receoso, e por um pai incapaz de salvá-lo é, no entanto, criado por um pai adotivo amoroso. Perseu e Danae são o oposto de Medusa. Não permitiram que seu sofrimento se transformasse em ódio à humanidade. Foram alcançados e salvos pelo amor humano. Ao contrário de Medusa, da qual ninguém pode se aproximar. Somente Perseu poderia, portanto, destruir Medusa.

Ele pode ser visto exatamente como o seu contrário no espelho: ela mulher, ele ho-

mem; ela permanentemente ressentida, ele sempre disposto a perdoar; ela sem possibilidade de resgate, ele salvo pelo amor da mãe que o acompanha, pelo cuidado de um deus e pelo amor de um pai-rei. Em suma: Perseu possui tudo o que faltou a Medusa, que precisa ser vista, através de um espelho, para ser destruída e libertar Pégaso.

Medusa precisa ser compreendida além de seu aspecto monstruoso. Depois de morta, serve à Minerva, mesmo que seja como esfinge no seu escudo. Guiado pela inteligência e sabedoria de Minerva, que corrige o seu erro de ter criado um monstro, o olhar de Medusa agora é útil, tem aplicabilidade, destrói o inimigo. Já não mata mais.



Medusa não se interessa muito por seus filhos deuses, ou seja, aqueles com qualidades excepcionais, pois prefere mais os que podem ser semelhantes a ela. Medusa conhece Pégaso, ele está dentro dela mesmo antes mesmo de nascer: Pre-

cisa apenas libertar-se para ganhar os céus com suas asas maravilhosas. Ele é a poesia, em sua sensibilidade, é liberdade em sua ousadia de voar e, o pior, é que ele, de alguma forma, representa a inteligência, a mente brilhante que lhe faz lembrar Minerva, sua maior opositora.

Medusa tenta seduzi-lo para colocá-lo a seu serviço. Mesmo carente, necessitando do espelho do olhar da mãe, Pégaso resiste, pois sabe que se submeter é a escravidão e a monstruosidade, é perder a liberdade e a sensibilidade, é não poder mais voar e abdicar, de uma vez por todas, de sua inteligência. É tornar-se um deus a serviço de um monstro, ou seja, monstro também.

Medusa, mais uma vez, sente-se rejeitada, não podendo compreender que esse ser divino por ela gerado não aceite ser completamente seu. Deseja suas qualidades, pois como monstro, há muito esqueceu a sua condição de deusa. Deseja-o a qualquer custo. Por sua vez, Pégaso procura fugir desse corpo monstruoso que o aprisiona, precisa nascer, realizar plenamente suas potencialidades. Mas como fugir daquela que tanto insiste em guardá-lo, a sete chaves, dentro de si mesma?

Ora, fundir-se com Medusa é ser monstro e escravo de sua vontade, vontade que nunca é satisfeita, pois parece ser o destino da Medusa a eterna insatisfação e a morte. Fundir-se a ela é perder a individualidade e errar pela vida a fim de cumprir um destino cruel. Pégaso reconhece isto e, naturalmente, foge. Dois caminhos, portanto, podem ser traçados:

Primeiro, Pégaso aceita a sedução e transforma-se no Centauro (monstro semelhante à mãe); passa a ser o filho seduzido, entregue à loucura de sua “mãe-monstro”, tentando sempre satisfazê-la, pois se torna incapaz de aperceber-se de que sua “mãe” entregou-lhe uma tarefa impossível: não por incapacidade dele para realizá-la, mas pela insaciabilidade dela que o impede de cumpri-la.

No outro caminho, Pégaso descobre rapidamente que a mãe não lhe serve de espelho, que ela não pode oferecer-lhe de volta uma imagem para que ele possa construir-se. A percepção de si mesmo toma o lugar da percepção, a percepção toma o lugar do que poderia ter sido o começo de uma troca significativa com o mundo, o começo de um processo em duas direções, em que o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta de significado do mundo das coisas vistas. Enlouquecido, sem poder de escolha, dependente da mãe monstruosa, resta a Pégaso a culpa de aceitar a sedução e o destino de passar a vida orbitando ao redor de Medusa, rebelando-se contra a sua tirania de vez em

quando, e, na medida em que se rebela, deprime-se.

Reconhecer a Medusa é a maior obra que se pode propor a alguém. Desempenhar o papel de Perseu, que reconhece e mata a Medusa, é tarefa para se realizar apenas com a ajuda de deuses, assim como no mito. É preciso encontrar as sandálias aladas, a espada de Hermes e o escudo de Minerva. Simbolicamente, encontrar um Poseidon que os salve, uma Danae que os ame incondicionalmente e alguém que lhes arme como Minerva.

Em nossa cultura não é fácil, pois, reconhecer Medusa em um meio que lhe parece tão favorável, é uma tarefa que implica em culpa e depressão. Os “filhos seduzidos” de Medusa podem ser comparados às massas amorfas, sem pensamentos próprios, sem sentimentos particulares, sem senso de privacidade, sem autonomia. Não fossem a sua infelicidade e atonia, poderiam ser comparados a um feto: preso ao cordão umbilical que o alimenta, participa com a mãe da sua monstruosidade, compartilhando excessivamente de suas idéias. Pérfidos, maldosos, incapazes de elaborações próprias sobre a realidade que os cercam associam-se a Medusa, Ésteno e Euriale, simbolicamente as perversões sociais, sexuais e espirituais, em outras palavras: as sociopatias e toda espécie de psicopatias. Todos estes fatores levam, naturalmente, ao uso de drogas, alcoolismo e suicídio. Eis Medusa e suas irmãs, entregar-se a uma é abrir guarda para todas.

Escolher seguir Medusa é escolher a loucura e a autodestruição. Outros seduzidos, caso não enlouqueçam devido à distorção de sua imagem, desenvolvem o que chamam de “falsa imagem de si próprio”. Incapazes de amar incondicionalmente, adquirem o que se pode chamar de “destino da lua”, ou seja, mesmo que a todos encante, não pode ser de ninguém.

O Mito de Perseu está relacionado ao arquétipo do herói por diversos autores. O herói

é aquele que "nasceu para servir" sendo sempre filho de um(a) deus(a) com um(a) mortal, tendo características específicas desde sua vinda ao mundo. O significado de Perseu sugere várias interpretações, como "o sol nascente" ou "persona", que significa a máscara ou papel social. Em ambos casos, a proximidade com a obscuridade é nítida em Perseu, ou seja existe uma íntima relação do nosso herói com o inconsciente.

Todo herói tem um nascimento complicado. No do Perseu não se sabe exatamente como sua mãe engravidou, por isso sua vinda ao mundo é cercada de magia e mistério. Danae foi expulsa de Argos com Perseu recém-nascido. Os dois são lançados ao mar, com isto ocorre a exposição da criança, que é outra característica de todos os heróis. A exposição está ligada à rejeição pelo grupo social. Com esta atitude acontece a "purificação das faltas da comunidade", é como se a criança exposta representasse tudo de mal que existe na comunidade, por isso ela é expulsa. É o "bode expiatório" que é expulso como representação de que tudo de ruim que acontece na família ou na sociedade está sendo expulso com ele. A exposição da criança é vista como um arquétipo da criança divina um símbolo do arquétipo do si mesmo, que é o organizador do processo de desenvolvimento da personalidade. Esta idéia faz parte do inconsciente coletivo. Jesus também foi exposto no seu nascimento. Ele, que por opção carregou todos os pecados do mundo e que é o maior herói que a humanidade Cristã conheceu.

Com a expulsão, Perseu e sua mãe são jogados ao mar, que representa o princípio materno. Eles escapam das águas chegando à ilha de Sérifos. Com isso o herói inicia a sua trajetória, com uma descida ao reino dos mortos, para uma posterior restauração da consciência. Quando Perseu oferece a cabeça da Medusa ao rei de Sérifos, há uma separação da sua mãe e seu grupo de origem. Esta separação é o primeiro passo da trajetória do herói.

Para que o herói execute sua tarefa é necessário que este tenha auxílio de forças sobrenaturais "Espíritos Tutelares". Só assim, com seus poderes mágicos, o herói está apto a cumprir sua tarefa. Separado de sua mãe Perseu contará com a ajuda dos deuses Hermes e Atena. Assim Perseu abandona a consciência entrando nas profundezas de seu inconsciente.

O confronto de Perseu e Medusa é o ponto principal do mito, sendo importante comentar seu sentido arquetípico. Medusa, Ártemis e Dioniso são poderes ritualisticamente configurados como mascarados. Neste sentido, a máscara separa a identidade da "alteridade". Este conceito da alteridade é representado na Medusa não como um outro homem, mas o outro do homem, isto é, a morte em vida simbolizando um estado psicótico. Com isto Medusa representa um estado caótico do inconsciente, com inversão e deformidade que desafiam qualquer lógica racional.

Isto acontece porque ao decapitar a cabeça "máscara" da Medusa, surge dela o gigante Crisaor e o cavalo alado Pégaso. Quando Perseu decapita Medusa, ele destrói a imagem de sua mãe negativa. Medusa simboliza a mãe que paralisa o filho não possibilitando que ele se desenvolva. Enquanto que Danae simboliza a mãe positiva.

Depois de decapitar a Medusa, o herói volta para Sérifos e no caminho encontra Andrômeda, se apaixona e liberta-a do monstro. Nesta parte do mito Perseu resgata a sua alma indiferenciada do arquétipo da grande mãe. Outro ponto a ser observado é que durante a sua trajetória o herói não teve a presença do pai, já que sua mãe foi fecundada por Zeus. Com isto o herói não teve contato com o arquétipo do pai. No mito, Perseu traz a cabeça de Medusa para Polidectes. Esta parte do mito representa a conscientização de conteúdos que estão no inconsciente. Desta forma Perseu consegue integração de

conteúdos inconscientes. A grande façanha do herói supremo é alcançar o conhecimento dessa unidade na multiplicidade e, em seguida, torná-la conhecida. Esta façanha, ele conseguiu ao decapitar a Medusa, que vivia no seu inconsciente, e trazê-la para a consciência.

### O Medo

Uma das sensações mais típicas, profundas e misteriosas do ser humano é o medo. Seja ele real ou imaginário, pode tomar conta da vida e fazer dela um pesadelo ou uma existência infrutífera. O medo paralisa a vida, como o olhar da Medusa. O que tememos? Em geral, podemos afirmar que o ser humano tem medo de tudo: de si mesmo, dos outros, de perder o que conquistou, de não conquistar o que ainda não possui. Tem medo da escuridão, do desconhecido, das enfermidades, da velhice, da morte, etc. São inúmeras as coisas e situações que amedrontam o ser humano, nesse ou naquele grau, alguns mais, outros menos, sem contar as fobias específicas de cada um, e que muitas vezes estão escondidas.

Mas o difícil é encontrar a resposta para esta pergunta: por que temos medo? Segundo a definição clássica, medo é um sentimento imaginário, de ameaça, pavor, temor ou receio. Segundo a espiritualidade, medo é ausência de amor. Quando não amamos, sentimos medo. Quando não amamos a vida sentimos medo. Quando não amamos o próximo, sentimos medo. Quando não amamos a Deus sentimos medo, etc.

Infelizmente ou felizmente, os medos que a maioria tem, não são os reais, mas principalmente os imaginários. Vive-se, sofre-se e adoce-se sempre diante dos medos imaginários. Muitos destes medos, senão a maioria deles, estão baseados em crenças, superstições ou modismos sociais, das épocas em que se reencarna. Todo ser humano tem em si, um grande poder auto-destrutivo, que aparece em seus comportamentos, como

atitudes de sadismo e masoquismo, pois ao nascer, se começa uma grande batalha entre a vida e a morte, e sabe-se intuitivamente, que a morte sempre irá vencer. Todos os medos, se originariam aí, desta constatação terrível para o ser humano, onde a morte sempre vence a vida. Se examinarmos os fatos, sem qualquer preconceito, veremos que filosoficamente, esta premissa tem verdades absolutas, ao olharmos a vida humana, como uma única oportunidade para cada ser. Mas ao se estabelecer a diversidade de planos e de oportunidades múltiplas de vida, esta afirmação perde muito de sua força e legitimidade. Partindo então deste pensamento, concluímos inicialmente que o medo está intimamente relacionado com a morte.

O que simboliza para cada um a morte? É bem provável que para a maioria, a morte signifique sofrimento. Para entender um pouco mais, vamos pensar naquela explicação, sobre inconsciente coletivo, que diz que nós herdamos dos antepassados, certos traços de personalidade que são passados de geração a geração, em nossa psiquê, ou como componente genético, e formam de certa maneira em qualquer lugar do planeta um pensamento quase que comum, onde atitudes e sentimentos se tornam semelhantes.

Mas precisamos analisar o medo pelo aspecto social atual. Quase toda a estrutura da sociedade, tem tirado o ser humano do seu eixo, do seu equilíbrio. Pensamentos, filosofias, tendências políticas, ordens sociais, e tantas outras coisas, têm colaborado de maneira intensa, para que estejamos sempre submetidos a valores de controle e submissão e, principalmente, porque ainda não aprendemos a praticar em nós e por nós, duas coisas de real importância: o perdão por nós mesmos e a fé no Ser Divino que tudo provê e em nós mesmos, que somos um pedaço da mesma divindade.

Assim, cheios de culpas, dúvidas e dores, com muito pouca fé, seguimos nossos caminhos, deixando o medo tomar conta de nos-

sas vidas, e também deixando de experimentar coisas de vital importância ao nosso progresso, apenas justificando que é perigoso, ou não conseguimos. Se alguma vez, tivermos coragem de entrar no significado profundo destas palavras: “não consigo”, e ver em sua amplitude, o que elas querem dizer, teremos uma surpresa, pois o único significado para o sentimento que está por trás do “não consigo”, é: “não quero ver, não quero me envolver, não quero pensar sobre este assunto”, ou seja, omissão. O monstro está solto e domina a vida. Devemos descobrir o que sentimos quando dizemos “não consigo” e entender tudo o que estas palavras estão escondendo.

O medo é a negação da divindade em nós e da própria Divindade Universal. Portanto medo é ausência de amor. Quando o medo toma conta de nós, desestruturamos todos os nossos corpos, inclusive nosso corpo de Luz, passamos a atuar num estado de vibração de baixíssima frequência, e criamos uma série de doenças psicológicas que podem em seguida, se tornar doenças espirituais e físicas. O medo não pode estar presente em nenhum sentimento de felicidade. Se existe um real interesse na evolução espiritual, é fundamental que paremos e olhemos cuidadosamente todos nossos medos. Checá-los, enfrentá-los e perceber qual ou quais os motivos, que nos prendem a eles, ou seja, por qual motivo escolhemos nos segurar no medo para vivermos a vida? De quê fugimos, quando elegemos o medo como nosso ídolo?

É a confiança em Deus que faz brotar a paz e a coragem. "Busquem a Deus e vocês terão coragem!" (ver Salmos 56.3, 69.32, 34.4). O único temor que cabe no coração do cristão é o temor de Deus, que não é feito de medo, mas de respeito, admiração e confiança. Como cristãos, somos desafiados constantemente, em nosso cotidiano, a enfrentar e superar nossos medos. E nós os venceremos quando deixarmos de concentrar nossa atenção em nós mesmos e nos abirmos a uma confiança que vai além de nós e nos contém.

A uma energia maior que é a base do nosso ser, "em quem vivemos, nos movemos e existimos" como diria São Paulo. Deus é essa realidade, esse alguém e essa energia, a base do nosso ser. Na medida em que sairmos de nós mesmos e confiarmos em Deus, "Daremos o salto da fé", nas palavras de Sören Kierkegaard (filósofo cristão dinamarquês do século XIX). Em lugar do medo seremos invadidos pela paz imensa de quem sabe em quem confia e acredita.

De acordo com a Mitologia, de uma forma geral, o Medo se alimenta de medo. Em algumas culturas era representado como um monstro ou criatura terrível que cresce ao se nutrir com o medo de suas vítimas paralisadas, petrificadas. Exércitos inteiros e heróis ousados foram devastados ou derrotados por essa terrível criatura. Com isso aprendemos que uma abordagem ou uma exposição direta aos nossos medos não é sábia e nos petrifica. É comum encontrarmos imagens esculpidas ou pinturas, onde um grupo de soldados se aproxima do demônio do medo, de costas, utilizando as imagens do referido monstro refletidas em seus escudos com fins de orientação e localização, para então se aproximarem cuidadosamente e realizarem seus movimentos finais cortando a cabeça do monstro.

Porém, se o confronto direto com nossos medos não é uma boa tática, a paralisia e a estagnação tampouco o são. Os mitos nos mostram como enfrentar nossos medos. Devemos ser humildes e aceitarmos auxílio. Talvez sejamos lançados em situações difíceis na vida, como quando nos sentimos sem perspectivas, justamente para olharmos para nós e lançarmos mão de nossos recursos internos, que muitas vezes não enxergamos em nós mesmos.

A imagem refletida no espelho também é uma outra boa e segura tática. A imagem do monstro refletida no espelho opõe-se a uma experiência do olharmos direta e frontalmente para nossos medos. A imagem refletida no

espelho é inofensiva e também uma forma de “capturar o monstro”. Um suposto aumentativo da palavra reflexo é: Reflexão. Ou seja, refletir, é como curvarmo-nos sobre nós mesmos. Essa forma de abordagem e aproximação é a lição que nos ensina o mito da Górgona Medusa, derrotada por Perseu. Ele venceu o horrendo monstro, sem olhar para ela, porém polindo seu escudo como um espelho: ao ver-se refletida, a Medusa ficou petrificada de horror e o herói cortou-lhe a cabeça. O escudo é o símbolo da arma passiva, defensiva e protetora. É considerado como uma arma psicológica.

### **O Mito na Astrologia**

Algol (estrela fixa), a Cabeça da Medusa, da constelação de Perseu é considerada por todos os astrólogos como extremamente perigosa e cuja posição projetada na eclíptica corresponde a 26° de Touro. De natureza semelhante a Saturno e Júpiter, Algol ocasiona desgraça, violência, decapitação, enforcamento, eletrocussão e violência da multidão. Dá ao nativo uma natureza violenta e encarnizada que provoca a sua morte ou a de outros. É a estrela mais maléfica do firmamento. Desde sempre, esta estrela foi considerada como "a mais funesta de todas". Os astrólogos árabes da Antigüidade chamavam-lhe "ras-al-Ghul" (a cabeça do Demônio). Os gregos viam nela a terrível cabeça decapitada da Medusa, capaz de transformar em pedra quem a olhasse. Quando se encontra no Meio do Céu, traz a público os temas da brutalidade, sedição, ação extremista, revolta e violência das multidões. Uma antiga tradição diz que os chefes militares árabes esperavam que Algol estivesse bem visível no céu para avançarem com ações bélicas. Nenhuma batalha

importante era iniciada se a luz de Algol estivesse fraca.

Os antigos hebreus identificavam-na, em referência à Isaías, 34:14, como ROSH HA SATAN ou como LILITH, a legendária primeira mulher de Adão, que, num grito agudo de revolta deixou o paraíso com seu filho e foi viver em mundos inferiores (em se referindo à Babilônia). Os gregos se referiam e esta estrela como o OLHO DA MEDUSA, que foi violada por Zeus, dentro do templo de Atenas, e amaldiçoada pela Deusa. Os antigos chineses deram o nome de TSEIH SHE, significando "choque em cadeia".

No caminho iniciático, o mito desta estrela é simbolizado pela espada que secciona o mal. Algol, representa a iniciação mais difícil: olhar para trás, para o nosso passado, desta e de outras encarnações, sobretudo, para dentro de nós, e enfrentar o mal que nos aprisiona, encontrando nele a redenção. Somente depois desta iniciação o espírito torna-se realmente puro. Esta estrela, provoca aquelas conhecidas mortes violentas, como forma de iniciação final, de liberação do espírito, sendo considerado pelos ocultistas, como a prova final, destino de toda alma para a Regeneração.

Neste momento, o planeta Saturno, o ceifador, o cobrador cármico, está posicionado sobre Algol, Al-ghul, a cabeça do demônio, trazendo à tona forças de violência reprimidas, do interior da própria Terra, e do interior de nós. Atualmente, devido à variação do espectro de Algol, os astrônomos suspeitam da presença de uma terceira estrela nas imediações, passando a compor um sistema triângulo de radiação cósmica, o que tem implicações cármicas importantíssimas.

